

DILZA PINHO NILO

JEITO DE AMAR



Copyright @2026, Fundação Itanhanduense de Educação e Cultura
“Dilza Pinho Nilo” - CNPJ 19.014.562/0001-12
Capa: Sílvia Negreiros – Studio Artenova
Revisão: Luciano Pinho Nilo e Pedro Cunha Neto

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Nilo, Dilza Pinho
Jeito de amar [livro eletrônico] : crônicas /
Dilza Pinho Nilo. -- 2. ed. -- Itanhandu, MG :
Ed. da Autora, 2026.
PDF

ISBN 978-65-02-27305-0

1. Crônicas brasileiras I. Título.

26-382892.0

CDD-B869.8

Índices para catálogo sistemático:

1. Crônicas : Literatura brasileira B869.8

Eliane de Freitas Leite - Bibliotecária - CRB 8/8415



Todos os direitos reservados à
Fundação Itanhanduense de Educação e Cultura Dilza Pinho Nilo.

Proibida a reprodução total ou parcial desta obra
sem prévia autorização da
Fundação Itanhanduense de Educação e Cultura Dilza Pinho Nilo.

DILZA PINHO NILO

JEITO DE AMAR

CRÔNICAS

ÍNDICE

APRESENTAÇÃO.....	5
DESENCANTO	6
O VELHO	9
A MALETA.....	13
PRIMAVERA.....	16
JEITO DE AMAR	18
SORRISO APESAR DE TUDO	21
GRITOS DE VIDRO	24
PANO DE FUNDO	27
UM QUADRO.....	30
TRINTA ANOS.....	32
CERTO LIVRO.....	35
ESTA VIDA PEQUENA	38
SILÊNCIO	41
A ROSEIRA.....	44
O MUNDO É LÁ FORA.....	46
LANTEJOULAS.....	48
DIABINHOS NA NOITE	51
QUEM SOU EU?	54
MUTAÇÃO	57
CASAL SEM FILHOS	59
A VERDADE DE CADA UM	62
LÁ VEM PORTELA.....	67
TRÊS ANJINHOS PRATEADOS	69
GUIA SINGULAR	72
INDESTRUTIBILIDADE	75

O GERÂNIO	77
MINHA FILHA	79
PASSOS NA AREIA	82
O PAI	85
ARANHA TECENDO A SUA TEIA	88
O QUE ME TROUXE VILLAÇA	91
FEIXE DE OSSOS	94
SOMBRAS NO CHÃO	98
DIA DE FOLGA	101
CASAMENTO À ITALIANA	104
NÓS TEMOS UMA MONTANHA	107
RETROSPECTO	110
CHEGADA A PORTUGAL	113
HOJE EU POSSO TUDO	116
SAPATINHOS DE LÃ	119
SATÉLITE	122
NUM DOMINGO COMO OS OUTROS	125
PIQUE DE BISPO	128
FILHOS	131
MOÇA INDO EMBORA	134
DOURADOS PRESENTES	137
ROMA	141
OS TRÊS DESEJOS	144
VINTE E CINCO ANOS	147

APRESENTAÇÃO

Este é o meu jeito de amar. Com silenciosas palavras, trago o meu testemunho de amor.

Ponho-me a mim mesma nestas crônicas, que são um pouco do meu cotidiano, embrulho-me nelas para que cheguem como um presente ao coração do outro, esse, o meu válido pretexto.

Ofereço este livro aos meus dedicados amigos, que acreditaram que eu tinha algo a dizer, à minha numerosa família, especialmente ao meu marido, pois eles, mais do que ninguém, sabem que este é o meu jeito de amar.

DILZA PINHO NILO

DESENCANTO

Vai o menino, tão menino ainda, procurando a sua casa lá fora. A casa é o ninho. Tem suas coisas. O lugar do nascimento e do recolhimento. As penas do aconchego. A voz da mãe, ali, certa, a palavra que se espera e que o coração acolhe. O passo firme do pai, os momentos de chegar, a pressurosa pressa com que se espera a mesa posta, os pratos fumegando.

Vai o menino, tão menino ainda, como um marinheiro que tivesse que partir, a hora chegada. Aceita. Sabe que é assim, as asas nasceram. Mas ele procura a sua casa noutras casas. E ela oscila no seu pensamento como um pêndulo de fácil alcance, no princípio. Alguns objetos dão a ilusão. Só por um momento. Depois, os defeitos aparecem, as diferenças se robustecem e ele diz, como uma menininha de muito tempo atrás: “Esta não é a minha casa...”

E vai em busca de outra, até que o tempo o ensine que, assim, só existe uma, construída em losangos de ternura, não de pedras, edificada na lembrança doce, reestruturada de pequeninos nadas que a tornam única no mundo. É a aura de amor que valoriza aqueles objetos diferentes e os entenece para o infante coração desprevenido. Como que eles se debruçam na sua memória, exigentes, melancólicos, cobrando a realidade que só existe na sua fantasia adolescente. Depois, ele vai descobrir em si mesmo como reconstruir o que procura, as duras pontas dessa estrela dentro do magoado peito, até que a possa tornar tão inofensiva que já não fira mais.

Mas isso só a vida ensina e o tempo confirma, e não se aceitam lições de graça.

O menino é esperto e tem seus argumentos de convencer. Não sabe que eles são tão transparentes para a

nossa experiência e para o nosso afeto vigilante. Vemos, através deles, toda essa busca ansiosa.

Os livros talvez o acalmem por um momento, repousem essa inquieta juventude, são como deuses em cujos altares eles se julgam sacrificados. Repentinamente, lembra que em outro canto pode estar o que procura. Podemos parar-lhe os passos?

- Mamãe, o que é felicidade?

Lembra-se como segurei a sua palavra, tesouro que reputei muito valioso e que resguardei pelo muito que me perturbou?

É porque eu sabia, o meu coração adivinhava.

Sabia que o veria Tateando, o corpo em frente, a vida é isso, buscas sempre, onde está a felicidade, como hei de encontrá-la, hoje quero a casa, a minha casa, amanhã quero um amor, quero boa comida, com gosto de infância, quero tanta coisa, coisas pequenas e simples, um anel no dedo talvez ou um peixe pescado por mim, abrirei as mãos ao vento, quero segurar o vento, quero uma aleluia dentro do peito, a felicidade era tão fácil, era tão modesta, papai e mamãe, a mesa do café, levante, menino, está na hora, a montanha lá longe, o caminho azul à minha frente, as manhãs frias, a fumaça saindo pela boca, engoli um fogo, o fogo está queimando o meu peito, a água da piscina dançando, os frutos maduros e eu não sabia, não sabia, não sabia...

Agora vai, menino, singra o seu mar, procura a sua casa, no peito uma chama pura, ainda ouve a voz de embalo e esse canto vai ficando longe, longe, as saudades o afogam e o menino cresce como uma árvore e finca raízes e vira gente.

Mas agora ainda é um menino triste, que vai buscando a sua casa e tem que partir, enrola suas asas machucadas e tem que aprender, sozinho, as suas lições.

Menino confuso e atordoado dessa adolescência que é uma bênção e um castigo, menino que anda sem enxergar o céu azul, o pássaro que voa. Só sente agora os leves passos que o conduzem sem descanso à sua saudade, a uma distância que nem sabe como é longa e como é árida.

Nos estilhaços de seu espanto não vê o insólito de seu desejo, não sabe que é um desejo impossível, vai, menino, procura...

O VELHO

Acordo e estou intacta. Andei dispersada pelo sonho, repartida dentro de mim mesma. Tenho um estremecimento, acordando. Junto os meus pedaços vagorosamente e me recomponho, vou viver um novo dia, o sol está rubro e quente, é o sinal.

Eu não pensava que poderia me desintegrar, assim, mesmo em pensamento e não foi nada bom. Experimentei uma sensação de fragilidade muito desconfortável. Bem sei que não somos feitos de um só bloco, como estátuas. Ai, de quantos pedaços somos compostos!

Quantas e roxas moléculas nos vêm realizando esta estrutura, em nuances de quantas confusas pinceladas! De quantos pedacinhos somos incorporados, e que nos vão moldando as faces, as expressões, os medos e as esperanças...

Agora me sinto de novo eu, reencontrada, reerguida de um misterioso recanto, preciso até ouvir a voz que corre dentro de mim como um rio moroso. Chamo por alguma coisa distante e parece que uma menina me responde e encontro depois uma adolescente esquisita, tão rápida, de passos tão incertos e subo a montanha e deparo quantas, quantas eu queira, elas estão ali, tristes e alegres, em vários matizes, escolho a companhia que me convém, e nunca, nunca estou só, pois é só colocar os óculos de enxergar por dentro e logo tenho uma companheira.

É como se eu estivesse numa sala de espelhos, onde uma série de vultos se vão desenhando até o infinito.

Tenho uma especial preferência pela melancolia, um nome de que até não gosto muito, mas que se ajusta mais ao meu estado de espírito quando estou só, assim como uma vaca

no pasto, ruminando. E assim vou vendo e interpretando as coisas.

Ontem, na rua, eu vi um velho. Um velho desses comuns, vestido de farrapos, trabalhador rural, desses que lutam a vida toda pelo salário do dia e que chegam ao fim da vida tão desprovidos ou mais ainda que no princípio, sem o acalanto da mocidade.

Eu vinha alegre de algum encontro. Súbito, percebo uma intensa amargura na pessoa desse velho. Uma tristeza sólida, repetida, tristeza de ser sentida todo dia, sem descanso.

Sinto seu cansaço, seu fracasso, sua densa desesperança.

Sabendo, embora, que de nada lhe adiantará minha piedade, olhei-o, suas roupas gastas, seu andar pesado, e os olhos que já não cabiam dentro da face emurchecida, olhando sem compreender tanta injustiça. E algo muito sutil brilhou. Não sei se foi impressão, mas uma luzinha muito débil se acendeu em alguma parte, não sei se nos seus olhos ou nos meus, se no seu coração ou no meu. Tudo por causa de um simples olhar de compreensão.

E é muito triste e desalentador chegar-se a esse ponto para nada, porque nada resulta dessa piedade, dessa solidariedade calada.

Ver o velho carregando a sua longa cruz e nós o olhamos inertes. Seria preciso uma sacudidela, um transe, estamos hipnotizados pelo hábito, pela inutilidade.

Os hipnotizadores, quando acordam seus pacientes nos palcos, fazem um ruído sonoro com o polegar e o dedo médio e o olhar parado do que antes dormia se movimenta de repente, é como se ele viesse de um outro mundo.

Assim me sinto, em expectativa, à espera do ruído convencional que me acorde, que me movimente para fazer alguma coisa, pequena que seja.

Essa mesma angústia sentiu-a Cecília, diante de um cachorrinho andrajoso. E é tudo longe, tudo tão longe, diz ela. E como esse longe se enquadra tão bem na inércia de nossa piedade comum.

Mas são pedaços da gente que também vão ficando pregados como selos em nossos companheiros de viagem. Tantos nos solicitam. Para pequeninos favores, coisas que talvez lhes sejam importantes e nos entregam com extrema delicadeza um sorriso de gratidão. Outros nos endereçam uns olhos tão carentes, que sabemos bem até onde vão e o que dizem, mas, no jogo impreciso das convivências, é preciso ignorá-los.

Porque tudo é tão longe, infinitamente longe...

Disse que subo a montanha para me expor ao salão dos espelhos. E o próximo nem a essa artimanha nos obriga. Ele apenas se expõe, às vezes intencionalmente.

Ah! Não são palavras. Estas pouco revelam. Outras aparências mais sutis nos contam dessas vivências feitas de pequenos e diários desesperos, de repisadas destruições...

O coração é muito forte. Se ele algumas vezes pensa que se derrete, é apenas metáfora muito impessoal.

O coração sobrevive intacto, tem que ser quase de pedra.

Pois a vida é longa e longe e não é fácil.

As pelejas castigam, mesmo nas planícies, muitos nem chegam a subir as montanhas, dispersos por aí em tantas contingências amargas.

Chegar ao fim da existência com as mãos vazias, com o estômago exigindo ainda, o paladar reclamando, a velhice tem

seus privilégios e sem poder atendê-los, e as coisas ficando cada vez mais longe, cada vez mais distantes...

A MALETA

Tenho diante de mim esta maleta gasta, velhinha, comovida, já foi nova e já brilhou, hoje está surrada e vivida, arranhada de riscos como uma face envelhecida.

Olhando-a, parece que vejo a vida deslizando devagar, há um acalanto dentro de mim, quero embalar essa preciosa maleta no coração, como um verso bonito que guardo com emoção.

Ela sempre esteve diante de meus olhos, fazendo parte de nossas vidas, mas agora ela está se recompondo para um agrado especial, um terno reconhecimento. Como a feição de um filho que a gente contempla, ama, vê sempre nítida, mas de repente é como se uma luz nova a desenhasse em ternura no nosso íntimo e então é aquela emoção que se disfarça, que se tenta não pensar em quanto é forte e poderosa, é preciso conter a impetuosa ânsia que se despeja da alma, como uma torrente.

Essa maleta é um mundo, é quase uma vida. E me identifico a ela, maletinha valente e decidida, nesse manuseio diário em mão amada. Ela não é apenas um símbolo de amor, assim sólida e gasta, como também me peso nesse longo tempo de convivência abençoada.

Vejo um bonito moço saindo de casa carregando-a e ela se balança num leve enleio em sua mão, enquanto com a outra ele me acena e acena tão longe que parece que ele cumprimenta o tempo, senhor tempo, puxando a vida da gente como uma locomotiva apressada.

Éramos, tão no princípio ainda, cheios de alvoroço no coração, instalados numa casa grande e vazia. Tudo veio vindo. As crianças, os sonhos se solidificando, os quartos começando a ter, cada um, a sua finalidade, o das meninas, o dos meninos, o de brinquedos, de estudos.

Ah, maletinha, vale a pena recordar? É que no meio de tudo isso flutua no ar a sua figurinha marrom, transcende de suas linhas desprestiosas um estetismo de amor que acentua o insólito momento de agradecer. Como que uma comunicação sutil lhe devassa o espírito e ela passa a ser assim, não apenas o objeto de servir que sempre foi, mas algo elaborado e pressentido como uma pessoa amiga e serviçal.

Ela provê a casa. É a enxada, lírico instrumento de trabalho que carrega esperanças e ilumina desalentos.

Quando ela chega, oscilam dos rostos desassossegados sombras de tranquilidade, pois ela assegura uma presença imprescindível, nas horas de precisão. E vão-se acumulando, no seu dorso de couro, os acontecimentos mais variados, alegrias de crianças nascendo, dores se curando e tristezas de tanta gente indo embora.

Paciente e submissa, ela é a companheira inseparável de mão segura, experiente. Uma grande e silenciosa companheira.

Olho-a com respeito, na contrição de quem reza. E sei por que o faço, pois o espírito é que vivifica, e a veneração de uma imagem não implica em inútil gesto; antes, permite enaltecer a grandeza num símbolo material.

Ela tem sempre o mesmo lugar, não para o repouso necessário, mas para a disponibilidade sempre pronta, ela é como um coração de mãe, sentinela de uma batalha ininterrupta, a de cuidar sempre.

Visões superpostas e animadas se desencontram em mim, essa maletinha vem caminhando do fundo de nossas noites e de nossos dias, acorrendo a chamados e aflições, partilhando de vitórias e de derrotas, reconhecimentos e decepções.

Não, ela não é apenas um objeto de ajudar na procura de males orgânicos, de carregar uma injeção salvadora, na luta constante entre a vida e a morte, ela é tantas vezes uma maleta tão pesada!

Não faz parte apenas desse ritual de cura, hoje ela paira no meu céu sentimental como uma relíquia eternizada pela beleza.

E ela, que vem presenciando tanta coisa, fazendo parte de tantas ocorrências, talvez possa adivinhar o sentimento que me toma e que me leva a percorrer esse longo caminho de oração cotidiana que vem perfazendo em mão querida e que me dá, ao constatar tudo isso, um confuso nó na garganta, uma enternecida vontade de chorar!

PRIMAVERA

Broto na primavera. Sinto-me cheia de seiva, estalando vida. Não foi à toa que nasci em setembro. Os ares se perfumam e eu também. Há polens iluminados dentro de mim à procura de pouso certo. Sinto que me aveludo em folhas muito tenras. Estouram, de repente, dos galhos ressequidos, umas esperanças novas. São pensamentos ousados, reconheço, porque não estou para jovens ressurreições.

Manhã, sou toda verde. Respiro esperança. Rejuvenesço apesar de tudo e nem quero crer. Procuro versos no ar. A poesia é o meu alimento para esta hora. Debruço-me sobre a sensação de renascimento com espanto. Sei como aproveitar certos minutos - mas sei que não duram. Sei que as raízes serão tão superficiais que ficarão nas arestas. E me digo: cuidado.

Pássaros fogem no meu infinito. E eu prometendo. Prometo flores de várias cores, roxas ou vermelhas, como num buquê. Alegres ou tristes, o que importa é sentir-se capaz.

Sei que há muito prometo em vão, dentro de mim. Broto na primavera, não importa que não frutifique. Tenho razões pessoais para a negativa poesia que resulta destes estados de espírito, assim descabidos.

É só um momento, eu sei, a primavera é um símbolo. Tocarei o chão daqui a pouco, basta que uma lágrima pese. E as nuvens estão prenhas.

Voltarei como antigamente, sempre de mãos vazias, com promessas novas. Ainda não poderei capturá-las para os meus frutos dourados, ainda não é o tempo. E tempo haverá?

Broto na primavera e me embriago de seiva. E tropeço em passos tontos, assim estimulada. Florações trôpegas advirão no desalinho desse encantamento incauto. As árvores

são verdes, mas o inverno virá e elas também se despojarão. Ao contato do tempo, as pétalas emurhecem. A vida é um sopro. Mas a primavera tudo vivifica, enquanto dura.

Arrastarei asas caídas daqui a pouco. Sem ressentimentos, pois tive a alegria de brotos novos. Cores novas. Arco-íris num céu cinzento. Foi belo.

Entardece. E o vento espalha atrevidamente coisas e vida. Folhas dispersas dançam com ele, vão para outros destinos.

Os oceanos possuem apenas gotas d'água. E, em cada uma, brilha um sol. E são pedras preciosas no côncavo infinito das mãos.

Ilusões insistem em cantar aos meus ouvidos. Sei que tudo é vão, mas estou no minuto de crer. E me embalo e me consolo como se o mundo fosse outro e a perenidade existisse.

Flores também são ilusões de permanência. Mas adornam infinitos e merecem os sacrifícios das tardes. Desaparecem e renascem, sempre. Renascem nas primaveras, como lições.

Brotamos, na diversidade dos despojos.

Vamos e voltamos. Até sempre.

JEITO DE AMAR

Rosária é persistente no amor. Algo há, dentro dela, tão ingênuo e impetuoso, que a tudo resiste. Coisas corriqueiras como fome, carência ou doença não importam, sempre há uma certa expectativa, uma candura ou simplicidade que não se explicam, nem sequer estarrecem, como predestinações.

Rosária, franzina, voz sumida e desalentada, desafiando as ocorrências com que a vida a enredou. Tanta infelicidade para enumerar, mas ainda surge, refluindo como uma esperança muito teimosa. Dentro dos olhos cansados, a chama inapagável do amor, que se aninha naquele coração com tanta desenvoltura, como se ali não houvesse espinho nem dor. Uma perplexa interrogativa do milagre de amar.

Rosária foi bonita. Quem hoje diria, vendo-a nos seus trinta e cinco anos desse modo vividos? É mulata clara, cabelos escorridos, olhos profundos e pensativos, os traços, antes harmoniosos, se desfazendo dos primitivos realces, na rápida degeneração dos maus-tratos.

Hoje o rosto está empacotado em rugas - ele sozinho conta toda a sua estória. É um quadro de tintas mal preparadas, como que os contornos se diluem na tristeza. Mas, subitamente, quando a luz do amor o ilumina, como que reflui uma estranha modificação, e uma nova figura vem surgindo, revivida de uma repentina mocidade.

Rosária casou-se aos quinze anos com um preto muito mais velho que ela, que lhe deu muita judiação e dois filhos para criar.

Com os filhos e os desenganos, murcharam-se os seios e a beleza, e os parques quilos que a sustinham. Aos dezoito, isso conta a mãe, era uma outra pessoa, deturpada pela infeliz sorte. Ao marido e aos filhos dera o que tinha: o seu corpo e o

seu trabalho, sua mocidade e seu desvelo. Mas, um dia, o homem sumiu com as crianças. Tudo isso não lhe significou nada. Talvez a fantasia desse marido fosse maior que esse seu desespero bobo de amar, e de anular-se de uma tal maneira, que adquiriu, desde então, esse ar aparvalhado e tonto - não sabe contar como tudo vem acontecendo.

Prescindem dela como de um traste. E a vida passou a ser uma espera. O coração não tem juízo e espera e esperança, na sua semelhança, se entrelaçam na mente, e como o tempo passasse e notícias não viessem, Rosária encontrou novo amor. Digo amor?

Ei-la renascida, tendo ainda muito a oferecer. Uns restos da antiga imagem como que florescem no milagre do amor.

Não sei se é contingência ou fado essa aceitação passiva de tudo, uma força paradoxal de tudo suportar sem compreender, sem lutar. Depois de certo tempo, esse homem sem escrúpulos deu-lhe o que lhe podia dar: três filhos, sendo a menor paralítica, surda e muda.

Era um homem falante, meio galã, de favela, prosa e cantador, e ela, coitada, assim tão humilde e calada, não pôde segurar-lhe a companhia. Dissimulada, ela não deixa que toda a mágoa aflore à face, conta sem muito aparato as suas dificuldades e vai tocando o seu flagelado barco.

Com a incompetência para prover a casa, como se pode imaginar, ela vai criando as crianças no seu empírico amor. Diz que lava roupa para fora, mas não se sabe para quem, se as dela, tão encardidas, atestam tanta ineficiência. Muitos têm pena, mas a dor mesma, quem vai compartilhar?

Mas Rosária é persistente, como já disse, e aceita novamente outro personagem nos seus casos de amor. Talvez

a solidão seja pior que tudo, ela bem pode avaliar se já provou de tantos amargos cálices...

E mais um filho resulta dessa união passageira, são breves as suas ilusões, ela bem sabe como são curtas as humildes alegrias.

Está novamente só, abandonada mais uma vez à sua solidão.

Agora está no hospital, eis que um homem, bêbado, derrubou a frágil porta do barraco, esbofeteou-a, maltratou-a como quis, ela não conta bem por que, como que as histórias vão-se confundindo na maltratada cabeça. Com seus olhos mansos e tontos, espera sempre pelo pior, aquela mansidão que intriga.

Sua vida é conhecida de todos e lamentada, e ela apenas vê a velhice chegando como mais um fardo a carregar, ou talvez como uma libertação. Os braços fininhos cada vez pendem mais, os filhos carentes em casa, esperando por ela. Talvez seja esta a lição que lhes pôde dar, passivamente olhando-os com ternura, postos neste mundo por culpa de um amor que ela nunca entendeu.

Rosária, Rosária, se não fosses tão louca, com esses teus amores tão impetuosos, poderias um dia estar entre as mil virgens eternas, com tua lâmpada bem provida de azeite.

Mas a ergueste tão alto à luz de teu amor e de tua aceitação, que talvez haja para ti um lugar reservado, muito além de tuas pobres expectativas terrenas.

E para lá irás seguramente, com teu bandinho de crianças, com esse teu jeito tão errado de amar...

SORRISO APESAR DE TUDO

Roto garoto, rotas as calças, a camisa e a alma. Mãos calejadas, tanto difícil serviço para fazer. Prover a casa de lenha, carregar de longe grandes latas d'água, varrer quintal.

Dez anos muito pesados para o corpo franzino. Os feixes de lenha pesam mais que anos, já começam levemente a encurvar-lhe as costas. Tudo tão limitado nessa vidinha estreita. Até o seu parco lugar na cama, onde à noite se acomodam mais três irmãos.

Mas há sempre um sorriso, apesar de tudo. Olhos de esperança agudos, em ângulos contornados de uma luz viva e intranquila.

Nas matas escurecidas, os passarinhos. Ali, uma alegria. Ele canta baixinho fabricando os seus mágicos alçapões. E depois é aprisioná-los.

Apanhou um periquito, brincou com ele e o vendeu. Outro dia conseguiu três coleirinhos. E o garoto apareceu para vendê-los.

Vendeu fácil, um ficou por aqui. Saiu alegrinho, com o dinheiro no bolso, doce e imprescindível musiquinha.

Seus grandes amigos, os passarinhos, lhe dão alegria e ajudam a subsistência da família. Conversa com eles em linguagem que pássaros e meninos descobriram, e não é nada bobo e sabe o quanto valem.

Mas a coleirinha não estava acostumada à gaiola e nela se debateu com tanto desespero que, de pura pena, a soltei.

Veio o garoto, daí a dias, para uma espiada. Cadê a coleira, está cantando bastante?

Contei-lhe a minha travessura e ele, compreensivo, disse:

- Vou lhe trazer uma criada na gaiola.

Pois ele tem desses requintes de generosidade e atenção.

Daí a três dias, promessa cumprida. Trouxe numa gaiola uma coleira feinha, mas cantadora como ela só.

E ganhei com o passarinho um amigo de quebra, pois o garoto, de vez em quando, aparece para saber notícias, aceita um café com pão e me conta as suas estorinhas de caçador.

Sempre tem propostas a fazer - quem sabe a senhora prefere um canário, gosta de periquito? – etc.

Os passarinhos vão caindo nos alçapões, e as moedas só não enchem os bolsinhos remendados, porque têm que sair tão depressa. As despesas urgem, e ele não tem mais nada a fazer, os dias inteiros a se ocupar dessas tarefas de prover a casa. Para estudar não deu, que a cabeça é tapada, como ele afirma, e o futuro não conta nessa vida - o que pesa mesmo é a sobrevivência do dia a dia.

No casebre, que está em pé por milagre, a família, por quem ele se esforça, esperando.

Aprendeu, talvez com os bichinhos, a cantarolar satisfeito, a não levar a vida muito a sério: hoje estou aqui, amanhã posso estar numa gaiola - essa filosofia simples, que tão bem se adapta à vida desses pequenos moleques jogados na vida.

Esperança é uma palavra que desconhecem, sonho não existe, não combina com essas roupas, com o estômago quase sempre vazio.

Roto garoto, rotas as calças, a camisa e a alma.

Garoto, com o seu alçapão e sua coragem, com conversas de chamar passarinhos e de enredar a emoção da gente. Tão despreparado para tudo, mas aprendendo a vida com o seu quinhão de exigências.

Garoto de coração alegre, não entendendo muito dessas exigências, mas não tendo isso a menor importância. Se há feijão ele come, se não há, come angu. Se não há nada, sai pelas ruas: ora manipula uma caixa de engraxate e, com seu assovio maroto e seu “sorriso apesar de tudo”, oferece o seu serviço - limpar o sapato, o jardim ou o quintal.

Roto garoto, menino poeta, filósofo, de alma secreta, estará mesmo rota? - driblando a vida, como usa fazer com a bola de meia nos pés descalços...

GRITOS DE VIDRO

Fecho a janela e apago o dia. A escuridão vem me atropelando os pensamentos. Sentada, recebo-os como uma contingência. É tão fácil apertar um botão e a luz virá, espantando fantasmas.

Os pássaros já não piam, aquietaram-se para a longa noite. Os pensamentos são agudos e insistentes, quase os ouço, martelando-me o cérebro. Vão pelas trajetórias do passado.

Reconstrói-se assim, num segundo, toda uma vida.

Chegam os meus mortos, as sandálias cheias de pó da eternidade, entram-me no coração. Todavia, esse é um modo de tê-los de novo, aconchegá-los, amá-los mais de perto.

Tomam-me a mão, seguimos caminhos torturados de saudades, acariciam-me brandamente, fingem ignorar as lágrimas. Nas suas vozes antigas, dizem-me amor. E esse amor soluça no meu peito, encarcerado de ausências.

É preciso muito ter amado para isentar-se dos remorsos, só o amor nos salva. Palavras, não.

Elas se soltam hoje, do coração, inúteis, elas passaram, serviram um dia, enquanto a vida reinava. Pontos de crochê, receitas de doces, livros que se liam, toda essa teia de ternura que se tece sem perceber, apenas com o carinho e a disponibilidade.

Aos poucos, nos tornamos escravos de uma alucinação. O nosso mundo desfeito nos chama. Procuramos um sentido para essa dor ampla e redonda.

Havia um pé de manacá na madrugada. Tão roxo e branco ardia na nossa dor. A mão que o plantara e lhe dera vida, como a nós, estava para sempre parada. E as flores feriam,

eternizadas por aquele momento temido. Havia estrelas que olhavam sábias, de outros mundos.

E os gritos de vidro se estilhaçavam em mil pedacinhos rudes, dentro de nós.

Recebemos uma herança de amor e íamos reparti-la. Emprestávamos força uns aos outros, coragem haurida numa mesma fonte.

Nossos olhos não viam, nossas mãos também paravam. O minuto antes era sólido e alegre - uma rosa de esperança havia desabrochado. O minuto agora é duro; não queremos acreditar nessa verdade. A madrugada talvez te ressuscite, para colheres estas flores que se esparramam pelo chão. Inutilmente plantaste.

Ah, como plantaste!

A cada gesto, uma semente. Cada sorriso teu volta como primavera, cheio de promessas. A cada palavra, ouvimos tantas outras, norteando nossos caminhos obscurecidos.

Deitamos a cabeça no teu descanso e sorvemos ainda o resto de teu calor. Como estamos tão órfãos e tão pequenos... Ainda pensávamos que já nos tinhas ensinado tantas coisas, mas a aurora tudo apagou. Como estamos desamparados e sem raízes, braços que não ousam estender-se para o imenso vazio.

Hoje, tanto tempo depois - tempo em que cada minuto trouxe o peso da solidão - ainda vens, sorrindo. Sinto que não queres mágoa, nem sofrimento. Tentas um sorriso impossível, porque o brilho com que o tingias é que o tornava tão doce e puro.

Dizes, no teu silêncio longo, que devemos estar quietos e cautelosos para que a vida continue assim como era: as bênçãos distribuídas em profusão, que alcançavam a todos e a

cada um, e enchiam e transbordavam desse amor tão miraculoso que te deixou doente e sofrido o coração, tão cedo.

Súbito me dizes que é o momento de acordar. Ver a vida lá fora, com suas exigências tão sem importância, tão descabidas. Querer vender coisas supérfluas, anseiam por tantas coisas desnecessárias.

É preciso admitir que estamos sós, mas é preciso também aceitar, curvar a cabeça em obediência e receber a bênção da noite como uma criança, e cochilar no seu regaço, muito mansamente, para nada mais sentir, nada mais pensar, nada mais lembrar.

PANO DE FUNDO

Há dois lados fundamentais na pessoa humana: o que se mostra e o que se esconde. E é nesse semitrágico painel que toda a vida se desenrola, que se escrevem todos os dramas, que toda a personalidade se estrutura.

A transparência de uma criança. Fácil, simples. Depois, as circunstâncias a vão obrigando a ir construindo, dentro de si, a imagem que o outro descobrirá - e começam as dissimulações.

O outro, poucas vezes se desvenda, mesmo à pessoa amada.

Amor é comunicação. E esses dois elos de descobrimentos são como correntes que vão interligando os seres. Mas estes nunca se desnudam inteiramente. Há sempre o mistério, como que esbatendo contornos. Mesmo na reciprocidade do amor, há segredos insuspeitados.

A mãe, que tanto ama, não conhece o seu filho. Quantas vezes o seu procedimento, por inesperado, lhe escapa à compreensão, como uma malha que se soltasse das malhas do seu afeto. Apesar de o ter formado fibra por fibra, pensamento a pensamento, de lhe haver ensinado palavra por palavra, há entre eles a distância incomensurável da personalidade. Dentro de seu coração, ela nem pode precisar reações. Nem seu amor é suficiente para reprimir ânsias e conflitos.

Amor é apenas o pano de fundo. Há na televisão um comercial de pasta de dentes, onde uma bola bate num vidro, que se diz escudo invisível, um escudo de proteção onde o germe nocivo não penetra.

Assim é o materno amor, mas sem essa eficiência: um invólucro de proteção envolvendo o ser amado na esfera de sua limitação.

Mas o ser, ali dentro, é livre e inalcançável. Nenhuma ruptura o poderá salvar do círculo de giz de sua individualidade. A comunicação, apenas ela, é uma vaga esperança de entrelaçamento.

O amor é uma imposição por vezes incômoda. Muitas vezes unilateral, e mesmo a mais justa retribuição impede a expansão pura e livre de uma comunicabilidade perfeita. As barreiras de reações opostas interceptam a mais espontânea manifestação de afeto.

Ah, como tudo nos escapa! O amor é como água que não se pode reter nas mãos. O amor inunda, sufoca. Tão difíceis as palavras certas, aquelas que o coração espera.

Mas é ela o elemento poderoso apesar de falho. Ela é o cimento que vai amalgamando as ligações do espírito. Por isso também tão perigosas. São como frutos que podem alimentar ou envenenar. Aí, então, é que se formam as estórias, que se compõem as convivências, que se vai construindo, devagar, um palco para o autor ensaiar a sua peça individual.

Todos colaboram ao seu lado, lhe dão os seus palpites, os seus dons, os seus desavisados conselhos, mas ele, ali, representa-se a si mesmo - só a sua personalidade conta.

O amor dos pais, ou dos que o formaram, deu-lhe o alicerce; os livros deram-lhe, talvez, desenvoltura; a vida forneceu a matéria-prima para a construção de seu ser - em sofrimento, em angústia, em alegria e, essencialmente, em criatividade.

Toda pessoa é tão uma! Como ela sabe ser ela mesma nas menores singelezas, num canto esboçado, numa réplica inesperada, num gesto formal. Cada ser é um espetáculo

diverso a cada dia. Com pinceladas rápidas, podemos esboçar uma determinada pessoa, mas apenas com as linhas que ela permitiu entrever.

O filho cresce, a alma que lhe cabe no peito cresce, talvez, mais que ele, e a injunção dessa disparidade é despercebida. São palavras desperdiçadas que se entoam naquele palco de suposições.

Ah, perdoem-me - eu não sei nada do amor, desse sentimento tão abalizado e incompreendido. Apenas resvalo pelo seu tecido miraculoso, tão desguarnecida de experiência quanto todos; tão sem chão para pisar com segurança, com firmeza.

Aqui estou pensando em amor, sentindo-me mísera e pobre, sem nem ao menos poder dizer como o sinto segurando nas mãos um assustado coração...

UM QUADRO

Se eu ficar mais um pouco em frente a esse quadro, não levarei comigo apenas a sua lembrança, mas tirarei dele alguma coisa mais, talvez vá comigo um pouco dessa luz tão macia, desse encantamento tão sutil que nos prende.

Ele não está apenas dependurado nessa parede. É uma porta que se abre silenciosamente e, quase sem o perceber, penetramos por ela.

Uma sala de tanto tempo, a mãe, o berço, a criança, a escada e a luz. Essa luz nos envolve, nos torna brinquedos de sua intensidade, nos empolga e prepara para a cena eterna e bela, que se desenrola sempre, como um ritual.

Ali oscilam todos os berços do mundo; há um invisível balanço que embala todas as inocências, e o materno olhar é o mesmo que se desvenda em todas as vigílias de amor. É o quadro da vida se recompondo na criação: as mãos que querem segurar o ser amado e toda a admiração que elas contam. Aquelas mãos estão em prece perene - são o símbolo do amor em esperança.

Aquele é o olhar de quem se compraz em amar, que põe toda a sua força e seu desespero nesse amor. Olhar que descobre, nas mãos pequeninas, as linhas de futuro que a apreensão maior avassala, e que tem o ressaibo da inquieta dor de temer.

Olhos que guardam as ânsias sonoras e aflitas das preces engolidas com sofreguidão. Meu Deus, é o menino; ele é diferente porque é meu, só ele é meu, ele é mais que eu, mais que a vida, mais que o mundo, é o meu mundo e a minha vida. Como é lindo e como é frágil, como tenho que ampará-lo, como é tão parte de mim e como é distante...

A luz, ali, é, também ela, uma celebração. Não ilumina apenas a cena radiosa e simples, mas vêm dela gotas de eternidade. A arte e o gênio se subjugam para criar essa beleza tocável e, ao mesmo tempo, celestial.

É luz que nos ilumina interiormente para o momento, para a perenidade dessas vidas em botão. O calor do afago, que se adivinha nas mãos que dançam, nos aquece também o coração nas lembranças daqueles gestos antigos que um dia também nos abençoaram. É como se, entrelaçados, em guirlandas de amor, todos aqueles gestos e cuidados se houvessem eternizado no milagre.

É tudo tão simples, a vida! Os nascimentos resplendendo pelas auroras multicores, o facho miraculoso se comunicando, os berços se perpetuando como glórias ou contingências.

Uma janela filtrando a luz, a promessa, a esperança. E o acalanto silencioso e imenso brotando do fundo de corações embevecidos.

Os berços que embalamos... como nos marcaram! E eis que eles ressurgem, na madrugada azul de um pensamento, ao contemplar uma cena de tanta beleza. Todos os olhos se cravaram como setas, subjugados e enriquecidos daquela transparente simplicidade; cada qual sentindo sua emoção, sozinho, revivendo os seus momentos - tão seus, dos acalantos de antigamente.

Eu via a grande tela do tempo se desenrolando pelos milênios, gravando, com flores de ouro, os matizes das maternidades e tingindo, para olhares posteriores, a supremacia delicada do espírito sobre a matéria - apesar daquela matéria doce e frágil...

Os ângulos da janela continham multidão de olhos que banhavam de terna contemplação a aura serena da cena

imemorial. No ar, vibrando ainda nos instantes íntimos e secretos da criação, o pincel de Rembrandt, único e absoluto, eternizado, santificado pela glória. Vi-lhe sua vida triste, os sonhos se desfazendo, mas a arte alcançando o mundo pelo caminho certo, pela mão de uma criança. Na sua imobilidade de séculos, essa mensagem, essa delicada ternura, como que vencendo distâncias, vencendo lágrimas e incerteza, para sobressair, através da beleza, toda a genialidade de seu espírito. É esta a verdadeira grandeza do artista: a sua obra, muito além dele, distribuindo a sua ternura pelo mundo, sempre, sempre.

TRINTA ANOS

Hoje, são decorridos no tempo trinta anos desta ventura ininterrupta de ser sua. Não sei como, de repente, você se assenhoreou de minha vida, e todas as madrugadas se empalideceram sem luas. E eu adquiri essa nova identidade que ostento depois que você me deu o seu nome e o seu amor.

Não sei em que espelho impreciso divisei a sua face, e vi que o havia encontrado. Sinos bimbalhantes brindaram, dentro de mim, essa descoberta - e me trouxeram a inebriante certeza de uma provada felicidade. Não foi propriamente o momento de conhecê-lo, mas de reconhecê-lo: o verdadeiro, o único, o certo.

O denso descobrir de sua riqueza interior - eu desfrutando o doce mel de sua presença. A sua individualidade se dissolvendo em contornos indecisos, pronta para assumir a minha expectante e sonhadora juventude. Parece que eu ainda trazia as mãos trêmulas de infância, os passos leves e inseguros. Ainda não sabia como tudo ia ser grande e puro... havia tanto a aprender.

E eis que você toma essa mão carente e a torna forte e imprescindível, dando-lhe a importância delicada de ser necessária.

Ainda trazia também os olhos tontos de procura e um gosto de medo na boca que lhe ofereci sem reservas. Foi preciso que seu hálito puro lhe propiciasse os limites serenos da reciprocidade, que, dando-se, recebia muito mais em troca, como foi por todo esse tempo.

E eis que o milagre de sermos dois se foi desabrochando em muitos outros botões, que se romperam da estrutura já então realizada e vieram completar a beleza de duas vidas, compondo uma família. E as pequenas almas, e os pequenos corpos que criamos com o nosso amor e o nosso sangue, se incorporaram ao nosso milagre, completando-nos mais intimamente.

Dessa amálgama que se foi fortalecendo fomos tirando o nosso sustento e a nossa glória.

Nossos passos cada vez mais se identificaram, temos uma só pegada, um só caminho, um só pensamento.

Já não somos tão sós e desprovidos - uns damos forças aos outros, nosso palpitar é um só: uníssono e grato.

Toco em seu corpo com dedos expectantes e uma luz nova se expande pelo nosso cotidiano, numa certeza aconchegante de realização. Os lábios nem precisam falar - as palavras se desenham no coração e são adivinhadas no silêncio.

Os fragmentos desse amor se multiplicam enriquecendo os momentos de solidão e de distância. E vencemos todas as lágrimas com o elo da identificação, uma fortaleza haurida na mesma fonte.

As ocorrências resvalam pela tessitura amena dos dias, não os diferenciando, mas trazendo-lhes uma resistência cada vez mais sólida e apaziguada.

Vencemos auroras rútilas e vivemos tardes machucadas, despetalamos flores embevecidas, mas nunca nos distanciamos do essencial. Sempre o amor é maior, porque é a nossa fonte e o nosso tesouro.

Trinta anos que foram apenas trinta dias. Dias iguais em afetividade e em deslumbramentos, que nos plenificam no agradecimento e nos trituram na esperança. Pois o amor só se compraz em crescer e em gratificar.

Trinta nos que foram apenas trinta dias na brevidade de sua imprecisa duração, mas que representam, no impetuoso jogo do amor, a razão e o sentido de nossas vidas.

CERTO LIVRO

É um belo livro! – e o fechamos para o esquecimento. Onde o suor e a lágrima com que o teceram? A tessitura é leve e a argamassa inocente. Onde a inspiração penosa, custando noites de insônia?

Uma vida não se transmite sem dores - toda a gestação é exigente. Cada palavra, cada capítulo, é uma dádiva de amor. E tudo flui assim tão facilmente, como se fosse um fruto maduro que pendesse, ao tempo, de uma árvore.

Inventou uma história, devassou um segredo. Aqui jaz um ser inerte, que um frêmito de vida despojou. E adivinhamos a trajetória desse espírito vagando em busca de um repouso, que a inconsciência de alguém provocou.

Era um enredo que dormia no tempo, descompromissado e vago. Eis que a pena inquieta cutucou a esperança, uma confusa verdade surgiu e ficou por aí pensando uma solidão.

São os mistérios da criatividade, subjetiva como a alma.

É um belo livro, dizem, resvalando de uma interpretação mais profunda, na leve inquietação provocada.

Ninguém quer parar para pensar. Todos querem esquecer. De algum modo, essa história está comprometida com verossimilhanças que perturbam. O esquecimento é a liberdade antecipada. Dizem que há fome no Paquistão, que crianças morrem na Índia, mas tudo está tão longe, nem sabemos direito onde ficam tais lugares. Mas aqui, a exigência dessa trama está acontecendo todo dia, não se pode alhear: temos que participar. O gesto de acolher é doloroso e cheio de réplicas. As exigências das reflexões não justificam o prazer desfrutado na leitura.

Para que você foi me contar tudo isso? Eu era mais feliz quando não sabia.

Benditas as crianças ignorantes dos perigos dos primeiros passos. Turbulentas crianças esquecidas no seu aprendizado.

Esse livro – como ele pesa – era tão distante como uma estrela. E, como ela, tão silencioso e inofensivo. Eu sei que ela existe - que se metamorfoseia, em noites encantadas, para as divagações dos poetas. Ela cumpre o seu papel, distante.

Esse livro, de repente, abri-lo foi uma perdição. O suor e a lágrima me subjugaram. Presa, não escapo à cilada. Seus fios de palavras me envolvem, vêm de longe, vêm como uma tempestade, rugindo e devassando. Não escapei.

Ele desperta-nos como que uma emoção domesticada, com a necessária ternura de ouvir. Depois, é como se o branco inocente das palavras se tingisse de revolucionária cor agreste, carimbando o cérebro.

Na curva do caminho, a emboscada.

Uma vez, deparei Jucundina e aquela sua família esquisita, que veio do Norte e desembocou na nossa vida, trazida pela mão de Jorge Amado. Um dia, ela chegou ao meu portão, andamos dialogando trechos de seu caminho, o pé sujo de sangue das caminhadas, e aquele sonho boiando dos olhos apagados. Nunca mais me largaram. Às vezes, estou desprevenidamente passeando, e um andarilho me devolve, num simples olhar, toda a dor despertada.

Agora, outra mensagem como aquela, vasta e inquietante, e o olhar que se despe para absorver as verdades transparecidas.

Fecho o livro, não posso fechar o desespero entrevisto. A mágoa como que escorre através das páginas fechadas, edificadas em pranto.

É apenas uma história - mais uma, que importa, entre tantas de semelhante infortúnio?

Rosa ou Teresa, Raquel ou Florinda, elas estão aí, essas heroínas da batalha inglória de subsistir, existindo, tropeçando em vivos e em mortos, elas estão aí às nossas portas com suas misérias, enfrentando até a perenidade dos livros.

Não são frutos da imaginação incontida, transpostos obedientemente às páginas.

É um bom livro, perturbador e necessário, admito-o, e o acolho no coração. Vejo a radiografia de seus nervos e de seus músculos na profunda impressão que nos fere.

Terá sido escrito para isso?

ESTA VIDA PEQUENA

De repente, a palavra me assustou. Não sei se pela evidência, ou pela novidade, de ser assim enunciada, como uma certeza. Conversávamos.

Ela, na Cidade Maravilhosa, onde nasceu e sempre viveu. E fomos entrelaçando vivências. Dizia dos meus temores, limitações, talvez providas daquela serra que nos emoldura, das faces sempre conhecidas, daquele denso viver sem surpresas.

E ela sentenciava: no interior, a vida fica muito pequena. Só então pensei em dimensão. Será a vida mensurável? E como se mede? Pelo egoísmo? Pelo prazer? Pela diversidade de opções? Pelo número de convivas ao banquete?

Em primeiro lugar, não creio que o anonimato dilate o horizonte, comecei a analisar. De certo modo, a gente se mira no olhar conhecido, encontra-se certa doçura e acolhimento no reconhecimento. Um bom dia perfumado entra pelo coração.

E um sorriso aquece.

É mais cômodo dispensar os outros. Isto, a cidade favorece. Mas não será menor, em termos de medida, limitar os passos para o outro, esquecendo-o? Os nossos horizontes se alargam pela complexidade dos problemas. Aqui eles não são tão nossos ou dos outros, nós nos multiplicamos, emprestamos o coração para os amigos, o nosso bom senso para uma palavra amena, a nossa disponibilidade nos flexiona para o próximo. E também dispomos das mesmas contingências, quando elas se nos tornam necessárias.

E é isso diminuir-se?

Os jornais lidos ou ouvidos nos mantêm em dia com os acontecimentos. Os livros nos relatam suas descobertas.

Podemos alcançar o mundo lá fora por esses canais tão à mão aqui como lá. Isso é amplidão.

As nossas tardes longas, silenciosas, vividas através de uma quietude mansa, na inapelável agonia do tempo, não nos deprimem - antes nos preparam para devassar o íntimo, sem tropeços.

Assim vivemos o momento pleno, dilatamos o coração para as verdadeiras finalidades da vida e podemos pesá-las e dignificá-las. O anonimato representa distância. E se apenas nos distanciamos dos fatos, como podem eles nos engrandecer?

É aumentar-se aturdir-se de barulhos e de programas? As caixas de apartamentos, onde se amontoam pessoas, que representam na realização de uma personalidade? Nem ao menos os ruídos da vizinhança revelam identidades. Vemos desejos insatisfeitos por toda parte, e disso nada nos advém, porque nada devassamos através de olhos cobiçosos e a nossa incapacidade de satisfazê-los é uma limitação comum.

Ah! Como as pessoas ditas cidadinas se enganam com essas falsas interpretações. O homem só, no campo, conversa com a semente que manipula. Tem seu mundo, que pode ser muito mais vasto que um corredor de apartamento, pode ser ele um bandeirante de si mesmo, devassando sendas muito mais ricas que o próprio silêncio propicia.

A imensidão do mar é só dele: não se comunica a ninguém. Pode ele repartir sua paz e sua beleza, mas também temos paisagens. E a paisagem humana é sempre mais bela, mais rica, mais nova. Cada homem, cada dia, é uma surpresa. Veem-se famílias se bipartindo, crianças chegando com seus sorrisos frescos; participam dessas alegrias simples e puras, entregando-se o entusiasmo cálido do testemunho. O fio das

existências tece a sua história que nos enriquece pelos exemplos, pelas experiências, pela participação.

Um simples aceno, de longe, traz o seu recado. O homem se revela nos seus atos, nas suas realizações, se purifica na entrega, quando se esquece de si mesmo para enxergar a verdadeira vida que fervilha ao seu redor. Não são coisas, monumentos, solidez de pedras trabalhadas que o tornam maior, são os monumentos humanos e tristes que o tornam compreensível, útil, irmão.

Olhos amigos o vigiam com interesse, com solidariedade, e este é o real sentido de presença. Não, decididamente, ela não soube pesar o que é grande, o que é pequeno, ou temos fitas métricas diferentes...

SILÊNCIO

Muitos não suportam o silêncio. Ele os danifica e amedronta. Não têm a necessária coragem de se devassarem, de se inundarem da sinistra luz da verdade. Não compreendem o quanto ela pode ser amena, se recebida com humildade. Com extrema delicadeza, como um cirurgião competente, o silêncio vai compondo tecidos, vai suavizando arestas...

Não é preciso ter medo, apenas submeter-se. Muitos preferem o barulho que ensurdece e ilude.

O silêncio é paz. Acostumei-me ao isolamento, no vício de registrar meus pensamentos. Não por pretensão, mas como uma contingência. E acho que exagero até nas proporções exigidas, pois o menor ruído me distrai.

Nunca acreditei que tivesse um dom, ou coisa semelhante. Acredito que o ato de sentar-se, meditar e concretizar em palavras o pensamento, é tudo o que é necessário para escrever.

Apenas tivemos uma oportunidade, o que não é concedido a todos. À cata de motivação, vou dissecando as coisas, as pequenas banalidades que me ocorrem.

De repente, uma criança diz coisas e a gente capta a pincelada de poesia que a ingenuidade infantil prodigaliza; ou um velho nos desperta uma piedade e o papel aquece o nosso impulso de fazer alguma coisa. Mas acabamos não fazendo nada, porque não vamos além das nossas pequenas limitações. Talvez a nossa parte seja apenas essa. Às vezes, as palavras nos traem, como o silêncio.

É preciso cautela, um vago policiamento. Somos formados por camadas de circunstâncias, por nuances de sentimentos que nos compõem a personalidade, nos

diferenciam. Um mesmo fato ou sentimento nos fere de maneira diversa.

A chuva cai nesta manhã de inverno. Esse barulhinho, a mim, me propicia calma, estou emergindo do silêncio e divagando. Quantas outras pessoas estarão amaldiçoando a chuva, perturbadora de programas e de tarefas.

Não podem parar, a estabilidade os enerva. E a água penetra a alma, vem lavando a poeira de todo esse mês, a torpe poeira da vida, envolvendo ideais e intenções. Súbito, essa chuva aclara tudo e é um esquecimento. É uma bênção esquecer. O tempo é a doce panaceia da vida.

Um homem se olha ao espelho todas as manhãs. Poucas vezes ele se enxerga realmente. Os olhos não veem o profundo; resvalam na superficialidade. Há uma nuvem interceptando verdades, desligando-se propositadamente do real. As tarefas rotineiras são como que um escudo e ilusão, amparando respostas inquietadoras.

Há como que uma inconsciência piedosa envolvendo aquele homem, em frente ao espelho, olhando-se e não querendo ver.

Aquele homem que não enfrenta nem o silêncio que irrompe majestoso de suas pupilas abertas. Ao menor descuido, ele pode se entregar. Nem sempre é um feliz encontro, se ele não estiver preparado e tenta dissimular.

Mas é doce se ele se deixa penetrar pela luz da consciência, pela paz, pela humilde e resignada constatação de sua insignificância e de sua pequena responsabilidade na culpa de viver.

Firmado no seu desamparo, ele pode descortinar tanta beleza! A sua impotência para mudar consequências o isentará do constrangimento de ser réu.

Somos como crianças no mundo da fantasia. É preciso que acreditemos em nossos fantasmas como elas acreditam em fadas. Nossos fantasmas nos libertarão de culpas.

Por isso, olho o silêncio como uma companhia amiga. A solidão que convida à paz não assusta; antes, refrigera. Penso na infinita solidão do homem do campo, a distribuir a sua semente, a estender o seu braço...

Ela não o edifica na paz?

A ROSEIRA

Marisa é doação. Desde o primeiro instante, quando entra como luz na sala e nos doa, repentinamente, o seu olhar verde. Depois continua, em ritmo doce, a desfiar o seu sorriso, a voz breve, o passo leve.

Mostra-nos os filhos, a sua doação mais perfeita, sólidos pedaços de si mesma, na síntese desse desdobramento maravilhoso.

Marisa abre a sua porta e sorri, entramos e vamos nos assenhoreando de seus dons preciosos. Cada palavra é um bago de uva verde, banhado na tinta dos olhos. Verdes e doces: paradoxo.

Foi bom conhecer Marisa e seu jovem marido. O lauto almoço cimentou o encantamento, na simplicidade do oferecimento.

Nós, mães, nos enterneecemos à toa. O nome do filho, no lábio amigo, nos põe tonto o coração. Depomos a alma agradecida com delicadeza nas mãos de quem o acolheu. E entregamos o filho para partilhar um amor.

A generosidade engrandece, e repartir aumenta. Doamos os filhos para a vida, para as novas carreiras, para o mundo precário do longe e do incerto. Mas reparti-lo com o amigo é riqueza que nos aquinhoa.

Marisa o compreendeu, ela que é mãe encantada, recebeu-o e batizou-o na amizade, e o coloriu de suas cores. Marisa é um arco-íris que, começando do verde, tinge cada palavra e cada gesto de esperança.

Barbacena está comigo, no carinho de abrigar o filho. O céu flui em luzes amplas, como que se desdobra em conforto e

afeto. É assim o feitio de Marisa, feito na forma de Barbacena, conforto e afeto.

Marisa é professora, não há para ela profissão mais adequada. Ensinar é dar-se, é prolongar-se - e é o que ela faz, vivendo.

Dá de seu mundo amplo, sem resguardar-se, numa lúcida parcimônia. Põe-se a si mesma em suas aulas, compondo a cada dia a sinfonia de seu amor. Alunos, filhos, pais, amigos, marido. Marisa compõe e realiza essa sinfonia no tom maior da doação.

Marisa veio de longe, de um retrato antecipado e, mesmo assim, surpreende. Pois não há palavra para medi-la.

Posso ver seu novo retrato, o que se desenhou em mim para ser guardado, o que os olhos dos que amam revelou, o que a voz amorosa de sua mãe descobriu, e que as memórias do marido contaram, mas tudo é vago, porque o mistério do ser não se transpõe na palavra. Marisa desafia todas as memórias, numa autenticidade muito subjetiva. Nem mesmo um retrato sólido, desses burilados em bons profissionais, nada conta, porque o real é sentimento e o cálido é usufruir. Por momentos, usufruímos de seu encanto e o trouxemos, porque constatamos que Marisa é doação, provamos.

Outros se presenteiam com flores. Rosas são enternecimento, e se prodigalizam em ternura. Mas isso não lhe bastou. Marisa quer prolongar o seu gesto pelos nossos dias e nos oferece roseira.

Ela tem uma fonte secreta onde se abastece a humana bondade, onde seu horizonte se amplia até o limite certo de uma amizade espontânea.

Marisa oferece a roseira, como um símbolo. Ela mesma é essa roseira, que, doravante, irá florir em nosso jardim.

O MUNDO É LÁ FORA

Não sei como ordenar as lembranças. Não sei como retirar o tampo da caixa repleta. Elas tecem uma rede translúcida e emaranhada. Os fios não se recolhem facilmente. Não sou uma boa contadora de histórias. Eu me perco, sigo rumos inesperados. Trilho veredas. Nem sei aonde vou.

Uma flor me distrai. Uma pérola que brilhe no côncavo de folha. Qualquer faísca de luz me ofusca. Às vezes, mil olhos me vigiam. E me inibem. Mas quase sempre estou só. E isso me salva.

Disse Macedo Miranda: “o mundo é lá fora...” E disse tudo.

Mas somos palhaços tontos e trazemos o mundo para o nosso picadeiro. É a nossa tortura e o nosso castigo. E temos que salpicá-lo de nós. Conspurcá-lo de nossa malícia, para que os espectadores se divirtam.

“O mundo é lá fora”. E esse mundo que mora dentro de nós? Houve um mundo sujo que ele dissecou. E, ao fim, vimos as dores aparecendo na sua autópsia cruel. Não quero imitá-lo.

Vejo mundos dentro de cada um, nos quais eles punham véus dos risos para amenizá-los. Cada qual era um homem novo. Nos ares, deixaram as suas desditas, que os sufocavam. Mas os olhos, eles são transparentes.

“O mundo é lá fora”. Onde é lá fora? Existe o substancial dentro de nós. O mundo é isto, a dor reumática, a falta de afeto, o corpo vazio, a mão no ar. O mundo é o afago que não se fez, a palavra que faltou, a dor ferindo, a visão que se apaga, o diagnóstico fatal.

Lá fora não escutam o tambor das pancadas da vida martelando. Lá fora dormem, e há desertos. Lá fora os grilos

tremem, ninguém escuta. Todos estão repletos de seus sons estertorantes.

Lá fora é o mundo do picadeiro.

– Quero um pedacinho de paz, disse o pássaro.

– Quero uma fatia de luz, repetiu.

– Quero pão, disse o menino.

Passam por aí e vão repetindo seus desejos. Paz e Amor! Quantos meninos eu vi de olhos sonolentos, pássaros feios, esfomeados, mal vestidos, confusos, com brilhos falsos de felicidade em olhos envelhecidos.

Pobres meninos crescidos que vimos em grupos em Amsterdam. Não encontram o que procuram, nem no sexo, na promiscuidade, muito menos nas ausências que se vão eternizando em seus lares vazios.

Eles procuram e não encontram. E carregam o mundo, tão pesado, nos ombros estremunhados. Dormem em seus sacos desprotegidos, pobres animais que o sol fere de manhã. E sonham. E acordam mais pobres de ventura porque o caminho se alonga e a pedra, cada vez, fere mais o pé. O mundo, tão pesado, não está lá fora. Está nas cobertas às costas, no cantil impuro, na sandália gasta, no cabelo emaranhado, no palavrão que lhes castiga a boca.

O mundo, às vezes, fica lá fora e, muito silenciosamente, fechamos a janela no aconchego do amor. E nos atordoamos do silêncio que, de repente, se faz. Mas é apenas um minuto. Uma vela que se apaga. O mundo entra por uma fresta, o mundo é hábil e hostil, o mundo é o principal artista do drama.

A flor ressecada se desprende do galho. Era vermelha e linda. Hoje é chão, pisada e rota. A flor mereceu o seu minuto.

O batalhão cresce, engrossa cada vez mais, os meninos nos seus estranhos uniformes desbotados. Nem sequer o trabalho de procurar a flor.

Ela não se abriu para o seu breve olhar. Foi aspirada antes de ser colhida.

O mundo é lá fora. E eles o buscam, carregando-o nos peitos opressos.

O mundo é lá fora.

E eles marcham...

LANTEJOULAS

Bordo uma borboleta. Grande e esvoaçante, com as asas abertas, todo o amplo espaço ao seu redor. Vou criar, com o brilho falso das lantejoulas, uma válida felicidade. A borboleta vai nascer de minhas mãos - bastou que o risco a plantasse no pano e as contas a cubram de cor. Ah, como somos deuses tão pequenos, e como uma minúscula felicidade nos assalta no gesto da criação.

Um filho - as alegrias enormes que nos alimentam fundo ao receber nos braços aquela flor da nossa carne. Bem sabemos das nossas falhas e incapacidades, mas aquele momento de glória nos explode dentro do peito como um turbilhão.

Um livro - coisas de amor também que a gente vai repartindo. Alguns entendem, outros não, mas é nosso filho de papel, o qual nos custa também uma elaboração sofrida e encarcerada.

Uma pequena borboleta de cores vivas que vai brilhar por um minuto, escondida e imóvel num adorno, carregando alguma coisa nossa, nós a tiramos do nada, a compusemos de gestos.

Bordo uma borboleta, e estas asas líricas me levam em sua sinuosa tessitura - viajo no seu fascínio. Deslizo entre esses desenhos entrelaçados, meu caminho de pensamento de transparente sentido. Ora sou terna e comovida, e acho um trêmulo palpitar muito pessoal entre meus dedos. É uma comunicação sutil e doce entre mim e a coisa que não existiria, se eu não a tivesse chamado à vida.

Meu coração tem um estremecimento ao constatar, entre uma conta e outra, o abismo de responsabilidade que nos envolve ao aceitar o gesto eterno da criação.

Sempre disse e penso que o Dia das Mães e outros mais são dias de pesados exames de consciência.

- Senhor, que fiz de meu filho?

O que importa é senti-lo feliz.

Criei uma felicidade! E temos ímpetos de mostrá-la ao mundo, esse mundo difícil de felicidade. Ah, meu Deus, como estas lantejoulas são tão simples de colocar. E elas nem sabem que estão construindo uma borboleta, ser tão perecível e tonto, que terá um brilho tão breve e tão noturno. Meu menino tonto, brincando no azul, qual será o seu caminho e o seu destino? Entrelaço-os numa só ternura, pondo-lhe asas e sonhos...

Meus filhos não foram feitos de lantejoulas, mas brilham seus olhos feitos de mel e ofuscam-me suas palavras doces e seus risos vibram. Eu construí, toda a minha vida, para eles, uma felicidade. Será que ela é feita desta bicicleta, deste beijo, daquele doce de que gostam, daquela permissão, da boneca que anda, das preces que escorrem de meu coração tão cansado?

Meus filhos soltos no mundo com suas vidas - e meus olhos os acompanhando em pensamentos vigilantes. Não quero espinhos nesse caminho, quero luz, quero flores,

lantejoulas coloridas, sementes de amor que brotam de todas as lágrimas e de todas as ansiedades.

Tenho alegria - ou uma tristeza - e a ponho, como posso, nestas luzes furta-cores que tanto se assemelham a asas.

Posso chegar com a borboleta ao vento e lhe dizer: voa!

Eu disse um dia ao menino: anda! - e ele andou. E ao livro, vai! - e ele foi. E estão por aí, constroem os seus fados, não precisam mais nem do meu gesto, nem do meu enternecimento exagerado. Já não me pertencem. Outros os olham com amor ou desamor, não sei.

Vou bordar outras borboletas. Elas me libertam, no voo imóvel desta ânsia que me afoga. Não sei por que tal poder me foi dado. Ele me ofusca. Bordo flores, borboletas, filhos, palavras inquietas e vãs.

A asa estremece sem vida - frêmito tão ilusório.

Vou colocar agora uma lantejola verde, e mais uma, vermelha.

Como está linda esta borboleta!

DIABINHOS NA NOITE

Um cão ladra furiosamente, devassando o silêncio. Era preciso uma insônia bem comportada para suportar. O grito é árduo e fura a noite com desespero. Mas estando dentro de um quarto, não lhe importa a condição do animal - doente ou são, grande ou pequeno. Só importa a sua irritante presença nessa lamúria noturna. Pode ser até um cão inofensivo, mas agride no som.

Súbito, o latido sossega e o silêncio cresce.

É preciso que os homens durmam; o descanso é a morte parcelada que lhes mitiga o sofrimento.

Mas a noite ficou habitada desse ruído e é difícil emendar as pontas rotas do sono que se rompe.

O rapaz pensa nas coisas que ouviu durante o dia. A queixa dos colegas, a rotina da repartição, o trabalho monótono. Tudo o que se iria repetir igualzinho naquele dia que vinha rompendo, manchado do grito daquele cão.

Era apalpar um sólido sofrimento de esposo enganado; não encontrara palavras para o consolo desejado, apenas consentira em ouvir, em sentar-se no tapete áspero das confidências. Nada podendo fazer, esqueceu-se dos olhos torturados que o feriram de emoção. Talvez essa vigília lhe trouxesse algo mais que confirmar o incômodo de sua inutilidade em servir.

Numa hora assim, de solidão completa, a alma paira, trêmula e medrosa, e ele espanta fantasmas que estão longe, o cuidado é um açoite que se agitará por si mesmo à menor complacência.

Não é hora de reviver o passado, nem de temer um futuro sempre igual e comportado. A morte é paz, e felizes são

os que dormem sem recalques e sem sonhos, esquecidos das intemperanças do dia.

A prata da chuva deixou vestígios na janela, e essa luz, assim fosca, assim surpreendida, antecipa a manhã. Ela virá em breve, desfiada nos albores de mais um dia de lutas, de suores, de passos indeterminados.

Mas há sempre uma aurora em expectativa.

Ela virá pesada de dezembro, um mês cansado; é uma aurora comprometida com balanços e intenções calorosas, que se desgastam porque o ano se finda.

Sente no corpo desperto a inconsequente esperança de esquecer. Mas o cérebro decidiu despejar suas asperezas, e uma tensão profunda de agonia o assalta.

Isto é solidão. Estar dentro dos pensamentos e temê-los, não porque firam, mas porque são armadilhas. É submeter-se ao assalto dos diabinhos da noite, sem o consolo da luz. A luz despojaria o abrigo das sombras. Nem essa estrela de mentira, pendurada no fio de eletricidade. Será como uma companhia, espantando contradições.

As providências diurnas e os passos obrigatórios como que ficam desnecessários e ilógicos desta dimensão! Vale a pena pensar e andar, comer, sorrir, chorar, viver?

Um sentimento de inutilidade o paralisa, nem tem coragem de acender a luz que o libertaria.

Amanhã, pensa, vou apoquentar de novo os ouvidos com essas conversas corriqueiras, o terno que ficou malfeito, o feijão aguado, as contas para conferir, as cartas para responder. Tudo muito superficial, sem dizer muito nos assentimentos, sem ser muito preciso nas negativas. Não ser muito maçante, nem muito prestativo. Há sempre gente que abusa. Absorver seus gestos mais domésticos para parecer sempre um bom rapaz, rapaz de família, de comportamento

exemplar, ver os filmes que todos estão vendo, ler os livros que todos estão lendo, compartilhar, algumas vezes, da representação coletiva, não há outra coisa a fazer...

Notícias de jornal que atordoam, mundo que não se compreende e assusta. É preciso ver tudo com o coração frio e ausente, não participar, sobretudo, não se comover.

Cavar na noite a sua trincheira de sono para escapar de si mesmo.

Escamotear-se com desenvoltura, sutilmente agasalhado no torpor do sono.

E os rostos companheiros, com seus problemas sem solução, vão aos poucos se afastando, com as réstias do dia que chegam.

Agora o cão retorna a latir e é quase com alegria que ele recebe esse protesto que volta. De qualquer forma, é um protesto de quem tem mais coragem do que ele.

Faz desse grito o seu grito, participando dessa dor ou alegria anônimas, porque não está mais sozinho.

O latido é estridente e áspero, como as rodas de insanos pensamentos que se perderam na noite.

Todos dormem. O sono é a morte parcelada que os acalma.

QUEM SOU EU?

Subitamente, aquele gosto de madrugada despertando; aquela sede que não era para ser aplacada: apenas para ferir; aquela porta aberta por onde sentimentos e temores fugiam atropeladamente.

Uma canção vibrada, à distância. Os acordes insinuavam uma dúvida e acariciavam uma tessitura. Estava me descobrindo. A música colaborava. Um ser vago subia à tona do consciente, querendo se desnudar. Quem sou eu? Serei essa pessoa com quem mal convivo num espelho? Olhos expectantes diluem seu conteúdo num vagar pensativo.

Que turbilhão é esse que me envolve como uma artéria pulsando? Que é essa vida que rola dentro de mim, que navega no meu corpo como nau sem rumo? Um rumor estonteante me submerge toda em novelos de luz. Como que me embrulham para, ofuscada, nada ver.

Nem sou alegre, nem triste, sou apenas o momento, sou talvez mais sentimento.

Gotas de lirismo pingam na lama dos maus desejos. Desejo um lírio branco refulgindo no ar.

Sou há tanto tempo e não sei ser. Mesmo quando nem tinha noção do que era ser, eu já me sentia. Ovo que se desprendera da membrana materna, existindo. E perguntando e reparando.

Havia um sol tão bonito, sempre, iluminando e resplendendo.

E eu andando pelo mundo com passos de veludo, tateando as coisas novas, protegendo dos espinhos a mão tão frágil. Temendo. Aprendendo belezas e ouvindo a vida escorrer dos lábios adultos, bebendo-a com delícia. Pais, avós, tios cercando a infância como um muro.

Ah, como tudo é depressa! O rolo de fumaça se expande de um pauzinho de fósforo e encontra o ar, pensa que tudo é seu e, num minuto, desaparece...

A fogueirinha na alma se diluindo. Reaparecidos contornos de fantasias, e as repetições se consumindo como incensos.

Era um dia, depois outro - preces e tesouras cortando rosas em primaveras de espanto. Era se envolver. Nada era sozinha. O vento acompanhando o pensamento sem descanso. Há tanto tempo sou e não me descubro em mim. Se quiser prever como reagirei, posso falhar; em mistério, me surgem as ideias e as reações.

Gente há tão certa, tão prevenida, não mergulha dentro de si - aceita coisas como coisas, não pergunta à luz por que refulge. Desfruta das suas bênçãos.

Às vezes, sou assim. Quieta e incolor. Engulo a fumaça branda, vamos nos turbilhões, ocupando as nossas mãos com trabalhos fáceis, a mente entregue a um descanso compassivo de não ser.

Desvendando-me com estranha lucidez, com perguntas que se insinuam em noites pesadas de silêncio, vago à superfície de uma insensatez. Que importa? Não sou ninguém definitivo, sou toda provisória, ludibriada por uma certeza teimosa, um dia não ser.

Subsisto e basta. Venho de uma infância passageira, por caminhos esfumaçados. Sempre fazendo uma viagem. Viajando para amanhã, sem portos e sem descansos. Um dia chegarei.

Nascerei amanhã, novamente, num acordar repentino e grato, sem sobressaltos inconscientes, desfeitos os malogros da existência primeira. Nascerei amanhã, definitivamente e segura, surgida de uma aurora do amor ressuscitado.

Um olhar que não pedirá mais nem explicações, nem esperança, cantando dentro de mim, apenas se comprazendo em ser, em existir, serenada e grata.

A paz me cobrirá como um manto e estarei absorta na glória em uma mocidade eterna.

MUTAÇÃO

O pintor ajeitava a sua tela quase com ternura. Era um céu amplo e corrido, liso como um lago. Um vento frio dava colorido às faces e fazia grande confusão nas roupas e cabelos.

Alegre bulício de gente animada, feliz, na praça de Montmartre.

Paris, lá embaixo, marulhava. O casario era ondas sujas e estremunhadas de um mar opaco que se avolumava ao sol.

O pintor ajeitava a sua tela - não, o papel - em que me faria o retrato, desses rápidos, em linhas fugazes, como a nossa permanência de turistas.

O cabelo esvoaçava, brincava com o vento e os gestos - que deveriam estar parados para o momento - eram febris, acompanhavam a emoção de estar ali, de estar finalmente ali.

Depois o vento sossegou por um momento e o retrato foi entregue. Era o meu olhar de alguns anos atrás que ali se esboçava, apenas. Olhar muito mais jovem e encantado; olhar ignorante de tudo o que ainda viria, olhar de esperança, puro e cheio de alvoroço. Como é que ele conseguiu ressuscitá-lo, o seu pincel é mágico, ou é mágico este minuto, ou este lugar? - não sei. Vou levar comigo para sempre este olhar que eu tinha e já não tenho. É um leve e trêmulo recado o que estes olhos querem dizer. Eles já foram, e eis que voltaram. O homem sorri do meu espanto e se volta, feliz, para uma recompensa maior que a combinada, afinal é um artista mágico, ele merece.

Transpomos a praça e trago nas mãos esse novo diploma, um canudo branco. Está ali o meu curso de Paris, os olhos que eu consegui, olhando-a lá de cima. Talvez, em férias, eu tenha mesmo esses olhos de novo - é por isso que eles me acharam bonita.

Agora eu estou aqui, e o retrato em sua moldura modesta, sem essa aura de encantamento que encontrou ao nascer.

Parece outra pessoa. Contemplo-o, e não tem mais nem os olhos de antigamente, nem a pessoa que o espelho reflete. Os olhos apenas olham alguma coisa distante e infinita - um lugar ou alguma coisa que havia, mas que se desfez como vapores que a noite cria e consome.

Paris já não é vista, já não os acaricia, e este retrato é apenas o elo de uma distância, talvez uma saudade.

CASAL SEM FILHOS

- Neste quarto, a mobília está mal distribuída. A cama nunca deve dar os pés para a rua. Você não sabia? O guarda-roupa, essa peça soberba, está sem vista daqui?

- Acho tudo bem assim. O quarto está espaçoso, acolhedor!

- Vamos, vamos, você está com preguiça de me ajudar na arrumação! Força, vamos arrastar a cama.

- Bem, mude a cama, acho que agora é que você inventou esse negócio de pés para a rua. Vá lá. Mas o guarda-roupa é pesado demais.

- Está bem. Concordo só para não parecer intransigente; mas que tenho razão, tenho!

E vão nessa toada em quase todas as circunstâncias; cede um, o outro também; discorda uma vez, concorda noutra. Vivem, enfim! É essa a melancólica vida em conjunto; esses problemas miúdos, essas conversas sem objetivo, vãs, apenas válidas para aqueles exatos minutos. Umas providências tolas, ingênuas, assim como essa de trocar os móveis de lugar, apenas para sacudir a poeira da rotina, para iludir uma mudança que não se fará.

A casa é própria. A mesma rua, a mesma soleira pisada sem emoção todos os dias. As tábuas largas do chão, limpas, limpas: vinte e sete na sala, vinte e oito no quarto. Quantos ladrilhos no piso da copa? O desenho deles, tão nitidamente se amplia nas retinas, quando fecham os olhos: são grades, sim, grandes grades brancas, que os aprisionam nas noites de insônia.

Casal sem filhos, sem sustos, sem emoções!

- O menino do vizinho está doente.

- Ah!

- Está bem mal, coitadinho. Ontem fui vê-lo. Os pais estão desolados.

- O que é? Já sabem?

- Meningite. Tão bonitinho! Você se lembra de quando ele fugiu e se escondeu aqui em casa, até que a empregada o descobriu?

Sim, como poderiam esquecer? Aquela visita inesperada e elétrica dói como um pedaço de sol que penetrasse naquela frieza.

- Como ele gostou do canarinho!

O pássaro que ajudava a pôr vida na casa quieta! Cantava. Era só assoviar perto da gaiola e ouvir certa música viva, como uma prosinha de criança, o amarelo dando a ilusão de cabelinhos de ouro...

- Se ele não morre, não ficará defeituoso?

- Sei lá. Numa hora assim, agradeço a Deus não ter filhos!

E ficaram ambos velando a criança doente, no seu silêncio. Não lhes perturbavam o sono. O doente poderia dormir... Ele virava as páginas do jornal com cuidado, ela tricotava sem rumor. Quase sentiam a mesma angústia dos pais, a poucos metros adiante.

Imaginavam os grandes olhos azuis da criança, os tremores de febre: estariam dispostos a permanecer toda a noite em vigília, velando um sonho...

E cabisbaixos e tristonhos com a doença de um filho que não tiveram, suspiram e vão para o quarto dormir um sono sem interrupção, sono que cansa, sentindo aquela frustração mais aguda, mais amarga, mais de perto.

Ouvem os ruídos distantes da casa vizinha, imersa no sofrimento. Carros que saem e que chegam. Telefone que

tilinta. Vozes abafadas dentro da noite, visitas tardias que evidenciam que o menino não vai bem...

Cada vez anseiam mais pelo dia que virá, para afastar aquele pesadelo que temem; de alguma forma aquele menino era um pouquinho deles. Com aquela fuga, lhes trouxera uma leve esperança, fora uma criança naquela casa...

Identificados no mesmo embalo, dormem, pela madrugada...

A VERDADE DE CADA UM

Está um cantor jovem na televisão cantando, iniciando uma carreira que se insinua com sucesso. Diz ele, em música sem graça, que está “à procura de mim mesmo”.

Pois ora veja, moço, que o senhor tem um longo caminho a percorrer. Andamos todos num rebuliço, à procura do sentido de nossa existência, talvez excessivamente ocupados em decifrar o nosso mistério. E nos encontramos?

Não, como completa no samba, qual o quê...

Quando somos crianças, pensamos como crianças, atuamos como crianças, numa cândida simplicidade.

Estamos num amplo salão e de repente nos chamam à cena. Vamos exhibir nossa incipiente sabedoria, recitando versos, cantando musiquinhas despreziosas, ou dançando os primeiros passos. E que é que achamos dos aplausos? Percebemos, desde então, as palmas obrigatórias e os nossos primeiros desapontos.

E vamos prosseguindo. Dizem-nos - e acreditamos - que é preciso abastecer o cérebro, e nos vão entupindo de história, de números e fórmulas. Vamos concretamente aprendendo a usar palavras corretas. Vamos tomando conhecimento de certas importantes emoções, e uma confusão adolescente nos desorienta. É como se entrássemos num túnel do tempo: o passado e o futuro com gosto de novidade.

Há tempo para aprender, para amadurecer.

Mas falta-nos, em tudo, o sentido.

Vão-nos fornecendo sinônimos para nos enganar, toldar o horizonte de uma nuvem passageira de deveres. E o dever fica sendo assim como o bode expiatório para todas as ordens. E tudo fazemos, obedientes e taciturnos, em nome desse deus tirano.

Mal começamos a tropeçar nos primeiros passos e vamos admitindo aos poucos que deve haver uma razão para as ordens, para os atos. Iniciamos um discernimento perigoso. As perguntas são impertinentes, as respostas não satisfazem, mas continuamos a fazê-las, até que o cansaço faça com que não as formulemos mais. Ainda assim, o sentido nos falta.

Lemos os clássicos, os místicos, os revoltados, os sábios - e os seus doutoramentos nos aumentam a confusão. Permanecem as angústias inerentes à adolescência desabrochada. É uma sede que parece não poder ser aplacada.

Todos têm a sua parcela de razão. A luz da fé ou da ciência autoriza os mestres a emitir opiniões. Nada mais que opiniões, e estas, divergindo, não encontram nos espíritos a mesma receptividade.

O homem é um ser tão estranho. Desde o dia em que nasce, banhado de seus elementos humanos e de uma alma intranquila, traz seus próprios dilemas. Benditos os que encontram a fé e nela se apoiam.

Não adiantam rótulos nem cadeias - não subjugamos o espírito. Ele é volátil e indomável. Até o fim, o homem é um recipiente indócil para esse misterioso laboratório interior.

E quando este o abandona, e a matéria jaz inerte e dominada, ainda uma interrogação, a maior de todas, toma conta desse ser irrisório e de mãos vazias no seu destino incógnito.

Só então, se poderá dizer, na paralisação dos gestos, que ele se encontrou a si mesmo. Em decomposição, na rendição ou na glória, conforme suas convicções.

Canta o moço, ainda, a sua música deslumbrada. Ele tira de dentro de si uma convicção que não sente, que está vazia porque ele ainda se debate na incoerente suposição de seu caminho.

Enquanto isso, as palavras voam como aves inquietas, que não encontram ninho em nenhum coração.

É um moço descontraído, se não se levar em conta a traição de seu desamparado apelo. Ele mesmo perpassa, pelo sentido de seu inconsequente desejo, sem mesmo perceber como é impossível e vão.

A minha alma repousará em Deus e só assim me libertarei.

Alcançará ele, um dia, a medida certa desta verdade?

DOMINGO, ERA MADRI

No crepúsculo, tudo se avermelhou. A bola de fogo do sol enfeitou tudo com seu facho róseo. E, na varanda do quarto de hotel, meus olhos viam Madri. Subia por dentro de mim essa irreabilidade doce que repentinamente nos assalta, translúcida chama que nos desafia a credibilidade.

Que poderá ficar comigo dessa beleza que meus olhos contemplam? Tantas vezes fiz inutilmente essa mesma pergunta, olhando outras paisagens. Meu coração não poderá guardar esses telhados que ondulam ao sol, esse céu que enrubesce, essa cantiga de vida e movimento que sobe até aqui, nesta pequena varanda.

Eis que surge o domingo - o nosso último domingo de férias - e já cantam no ar as vozes passarineiras, e há um rumor de madrugadores iniciando a alegria da manhã.

Levantamo-nos para as despedidas aos amigos que seguiriam para Lisboa. Nas mesas do café, entreabertos botões de rosas davam-nos suas boas-vindas solenes.

As louças tilintavam em tons joviais, mas outras pancadinhas leves nos retiniam nos corações, porque tristonhas palavras de despedidas deviam ser ditas.

Foram dois meses de um passear companheiro, conhecimentos mútuos, onde nos assenhoreamos de pedaços da vida uns dos outros, pelo que nos ia sendo contado, nos vagares dos passeios e das refeições compartilhadas.

Agora nossos caminhos se bifurcariam novamente.

Trêmulas palavras vinham à tona, mescladas de augúrios amigos, desejávamos a todos os melhores votos, porque as viagens continuariam para alguns, terminariam para outros.

E todos traziam dentro de si a comovida palavra de despedida, como uma companheira incômoda, um nó apertando a garganta desprevenida. Olhavam-se, distanciando-se como passageiros de um trem noturno, em que os apelos do sono nos deixam meio insensíveis e aéreos.

Éramos todos tão indiferentes uns aos outros, à chegada. Nem sequer os nomes eram conhecidos, esses nomes que agora se pronunciavam com ternura, com um recôndito carinho que, pressentíamos, em breve se dissipa também nas brumas das memórias de viagem.

Os viajantes embebiavam-se, agora, da manhã madrilenha, o café escorria em lentos burburinhos, misturado aos últimos momentos de estar juntos.

Ao longe, algumas pessoas passavam, talvez fossem à missa - deve ser essa a rota daqueles madrugadores.

A nossa guia, a jovial Giana, italianinha valente e culta, também não escondia a emoção da ruptura. Mais uma caravana se despedindo, lhe ferindo a sensibilidade latina, embora aquilo também já fizesse parte de sua rotina. As ordens que despachava, e às quais obedecíamos alegremente como bandos colegiais, eram como um hino de encerramento, parte final do ato de uma encenação. Tudo, como em toda viagem, devia estar previsto. Até as lágrimas?

E tremulava, desfraldada, a bandeira da nossa saudade, antecipadamente empunhada. O ônibus, lá fora, gritou sua voz familiar. E foram embarcados, comovidos e tontos, os componentes da excursão.

Numa casa ambulante, morou essa família atribulada e feliz, que agora se desfazia, para ser guardada nas fotografias do coração.

LÁ VEM PORTELA

Num dos quintais vizinhos, uma menina canta com muita animação. As vozes das crianças sempre comovem, não sei o que vem atrás, se sonhos ou desencantos. Sua vozinha esganiçada sobe e desce ao ritmo do samba: Lá vem Portela!

Estamos em abril, doce abril de manhãs frescas e grandes e fundos céus azuis. Parece que o ar puro e limpo foi lavado pelas chuvas de março, “fechando o verão...”

Há muito se foi o carnaval. Estamos numa quieta cidade, num fundo de quintal, onde uma árvore gorda abriga uma criança na sua sombra azulada.

E o samba veio fagueiro do Rio, de uma irrequieta Escola de Samba, anda por aqui e toma conta do quintal, da sombra, do céu, da criança e de mim. E nos enfeixa todos no seu fascínio perigoso.

Estamos num suspense, comandados pelas notas, pelo som agudo e breve, pelas pautas enegrecidas de notas, somos um grupo de colcheias a mais na colorida manhã que rola.

Portela vibra no ar, trazida em mágica condução. Revivem neste momento as pastoras requebradas; os tamborins roncam e o samba ressuscita inteirinho o lento preparo da apoteose final: a exibição, a esperança da vitória, o empenho do brilho e da jaça.

A televisão proporciona às crianças, e mesmo aos adultos, a oportunidade que a presença não alcançaria. E, através dessas visões, o sentimento da participação, como que uma transfusão de personalidade, faz com que a menina se veja num corpo de mulata, sambando e representando no asfalto a sua escola querida.

Estão no seu pensamento, que neste momento se liga ao meu, todo o vigor e magia da régia noite de domingo de

Carnaval, quando nos céus cariocas surgem as fantasias bordadas, rugem as trombetas e os pandeiros, numa orgia de cores e de ruídos.

E as almas serenadas dos participantes se comprazem de estar ali, compondo uma sinfonia, e põem toda a sua ternura e afincos na exibição de passos e ademanos, fazendo dessa finalidade o seu sonho do ano todo. Juntam-se minguaudos ordenados e espantosos e decididos sonhos, bordam-se panos acesos, penas e flâmulas para o capricho dessa noite miraculosa e única.

E, no requinte do desespero, um prêmio que almejam e que quase nunca é alcançado, uma vitória tão efêmera...

Lá vem Portela... e a menina repete, como se fosse uma graciosa menina de morro, que, desde a infância, se antecipa aos desejos adultos e inicia o seu aprendizado de sofrimento e requebro.

A voz é um convite e conta uma estória, das tantas e tão tristes que enchem os livros de contos.

Porta-estandartes de olhos cheios de lágrimas, escondendo em sorrisos brejeiros as feridas da alma.

Romances que se iniciam e se desfazem nas breves e incandescentes noites de Carnaval...

Lá vem Portela..., a menina repete, como se não pudesse sustar a melodia que violenta o seu corpo frágil e que a entrega, como um pêndulo animado, ao caloroso compasso liberto, incendiando a inocente manhã de abril que passeia no céu...

TRÊS ANJINHOS PRATEADOS

Tantas coisas aconteceram, e eu, calada. A vida que foi indo. Hoje, uma visita. Ontem, um livro para ler. Tudo um enriquecimento. À distância, tudo me parece um jogo surpreendente de fatos e de cores - coisas de ternura e afeto me prendendo com fios invisíveis - e a gente se gastando em doações.

Já vamos avançados nesta década de setenta, e tudo me parece tão ontem.

Éramos crianças nestas mesmas calçadas, pulando nossas marés. Nem sequer mudei de rua, tendo transcorrido nela toda essa vida, que aos outros poderia parecer monótona, mas para mim é diversificada e cheia. As interpretações estão dentro de nós mesmos e a surpresa de uma flor desabrochada dá encanto ao dia.

Três anjinhos me espionam em sua imobilidade aqui ao meu lado. Eles serão sempre prateados, enquanto durarem. E nós vamos mudando de cor, por dentro e por fora. Nos cabelos e nos vestidos. Tudo porque não somos coisas, e isso é tanta responsabilidade. Ao mesmo tempo, tudo é muito coerente. Temos os nossos privilégios, e por eles pagamos. Muitos invejam a isenção dos loucos.

Mas nós somos muito ajuizados, e arcamos com as consequências. Acumulamos bens e somos tão zelosos deles! E não me refiro a bens imóveis, são mesmo os transitórios e os perecíveis os que de fato importam. Ficamos a vida toda à espera de uma tranquilidade que esperamos deva chegar com a idade. E espantados de nos sentirmos os mesmos, assim meio tolos pelas limitações definitivas.

Hoje é dia 6 de janeiro. Seria aniversário de meu pai. E este vazio de sua ausência nos toma, e começo a ver tudo

cinzento, pois ele era um bem tão nosso. Ria um riso tão espontâneo e bom, e tinha palavras tão sábias e macias. Desfrutava a vida com parcimônia e, ao fim, nos deixou sem uma palavra de despedida.

Entre nós e os dois, mamãe e ele, apenas missas e visitas tumultuadas, que não aplacavam a imensa saudade. Há entre nós a distância de um céu imenso, onde eles estarão eternizados num recanto de estrela, a olhar nosso desamparo.

E, de mãos dadas, vamos até a infância, num relâmpago. Os anjinhos silenciosos fazem que tocam um bandolim fremente, uma harpa fagueira e um instrumento de percussão, tambor ou tamborim. É como se me enviassem os seus sons silentes, como se quisessem de alguma forma me ajudar nessa tristeza sem remédio, que acabou entrando nesta página, que tingiu tanto este livro. Mas nem sempre podemos contar com a vida; a morte para os gestos mais ativos, e entra em programas completamente despreparados para ela.

A vida era boa, tão sossegada, as pequeninas coisas que eram e que não são mais. E nós estávamos deslumbrados da presença deles, e nem sabíamos quanta força deles nos advinha.

Eram as manhãs e as noites tranquilas, o amor ali, ao alcance de nossa mão. Os jardins floriam e mamãe queria rosas amarelas.

E arrastava o seu chinelo pelo nosso chão. Os desejos modestos, cedendo-nos tudo, a primazia das escolhas, sempre à nossa disposição, com a disponibilidade sempre pronta do amor.

Os anjinhos tentam uma mensagem de eternidade, como se dissessem que tudo está certo, a vida se acaba um dia, e as alegrias são breves e devem ser curtidas.

Ouço um trovão ao longe. Este som sempre me devolve a infância, aquele medo pueril do barulho. Um desabrigo que não combina com cabelos brancos, mas que tem alguma doçura no seu desconforto.

Porque algumas vezes é bom temer a chuva, esquecida de outros temores muito mais assustadores.

É bom sentir na pele os mesmos arrepios de antes e olhar, com olhos meninos, o céu que escurece, como se realmente a chuva e o seu rumor ainda nos assustassem...

GUIA SINGULAR

Quem nos serviu de guia, em Lisboa, era uma portuguesinha simpática, um pouco dada a cismares, trigueira, um tanto melancólica. Ela iniciava conosco uma auspiciosa aventura, cujas emoções nos levariam aos limites da incredulidade.

Lisboa se desnudava aos nossos olhos ansiosos, na voz rouca e melodiosa de nossa paciente professora. Os coches dourados, tão sem mistério para a sua sabedoria, nos levavam, em nossa fantasia, ao passado tradicional. Luíses e Manoéis se presenteando, encomendando, nos seus faustosos costumes de artistas renomados, as conduções de ouro, onde estátuas monumentais se eletrizavam em imperecíveis posturas, permanecendo para a História, para os homens, para o deslumbramento coletivo.

Eu pensava na moça. De madrugada, debruçada nos livros, decorando datas e eventos, enchendo o seu cântaro para as nossas sedes. E descrevia estilos, épocas, fazia a História, em trajes de rigor, desfilar à nossa frente; desenterrava tradição e tanto conhecimento, que quase nos ofuscava, logo ao primeiro dia.

Moças falam de amor, de modas, de planos futuros. Nossa jovem tinha a boca levemente amarga de tanto passado.

Ela se veste de azul. Azuis são também seus olhos, engastados no rosto pensativo. A face trigueira é um misto de Oriente e de mistério - essa moça foi construída para exatos momentos de incredulidade.

A moça é fada e é profeta. Daqui a mil anos, diz com a mesma voz pausada com que repete: há dois mil anos ...

O povo europeu manipula anos com uma displicência serena, como um homem que fala de seu dinheiro acumulado em segurança, tendo a arca repleta.

Nós não temos rosto, nem olhos. Para ela, o grupo se renova a cada dia e é apenas esse aglomerado de curiosidade o que ela vê, quando o seu olhar nos varre. E, se revestimos de romantismo e sortilégios os seus cismares, é apenas por um vício de interpretação.

E a sombra desse romantismo mais se acentua quando ela se refere aos reis famosos: Pedro e Inês, a que depois de morta foi rainha.

Sem saber – quem ali o suspeitaria? – me vejo de volta à meninice, com o Tesouro da Juventude às mãos, embevecida daquele amor tão grande, tive ímpetos de me afundar num canto e escutar de novo os rumores do coração a se confranger de pena e espanto, trêmulo de emoção, pelo macabro da cena.

Onde houver o humano ser vivendo, haverá a partícula essencial à sua própria estrutura, o suave grão do amor germinando sem interrupção. A carne revivida e estruturada em milhares de outros corações amantes, dando-lhes força e perpetuando um símbolo e uma eternidade.

Que sei hoje da vida, do amor, de mim mesma, mais que aquela pequena leitora que me acode agora, cândida e estupefata?

Que sei hoje, mais que outrora, quando, entre as ludibriadas sombras de uma mocidade que eclodia, perambulava sonhadora pelas páginas dos amores eternos?

Nada sei que não me espante ainda um amor assim tão imenso e eterno, enchendo páginas de livros e corações com seu brilho forte.

Andamos perdendo nossos passos por entre tantas ocorrências que nos revelam a pérola escondida, a refulgir nas

auras de sua própria luminosidade. E na penumbra milenar dos Jerônimos, abrigando, como o céu do mundo, amores que sempre acontecerão...

Entre nós e essas lembranças e considerações, apenas o fio de voz recompondo o passado, mesclando-o ao presente, na magia dessa vaga condução.

É uma moça contando estórias, desafinando amores à maceração do tempo. Moça de olhos azuis e voz rouca que transpõe, na mesma desenvoltura e passo altivo, o ontem e o hoje...

INDESTRUTIBILIDADE

Há pessoas que não morrem, são indestrutíveis. Não, nem a morte pode destruí-las. Pessoas que se firmam, na vida, como rochas e fazem delas suas próprias esculturas. E o tempo não as destrói. Conheci algumas pessoas assim.

Pessoas que surgem em nossos pensamentos, lembranças, tais como vivos. Não só de vez em quando, mas sempre. Desde que se foram, muito ou pouco tempo depois, ressurgem em nossas conversas, em nossas misteriosas evocações, com seus caracteres individuais, suas lições, seus gestos e atos, na calidez de uma saudade.

A vida é construída de muitos ângulos. Como uma figura geométrica em desenvolvimento, modificada pelos acontecimentos.

Certas pessoas compõem uma paisagem. Desenham com sua personalidade um painel duradouro em nossas mentes. O tempo, que esmaece as tintas, não as desfigura em nossa retina. O mistério de sua perenidade tinge-nos de tantas suposições e desvarios.

Cada vida humana se tece de imponderáveis. Podemos apenas aceitar, recebendo os seus fantasmas. Estes nos povoam a vida.

Vão caindo os nossos ídolos. Um a um, os indestrutíveis se vão, a morte os leva, para a nossa perplexidade e apesar de todas as nossas frágeis considerações. Levam consigo a nossa surpresa, mas não morrem dentro de nós.

Vamos ficando despojados, mutilados de sua presença. Cada vez que perdemos um amigo ou uma pessoa querida, é como se viajássemos um pouco com ela, para iniciar o roteiro de nossa própria separação. Não são eles que nos

levam, eles apenas nos antecedem e nos encorajam o passo. Aureolados pelo que foram, permanecem na penumbra de nossa inquietação. Transidos, poderosos.

Têm nas mãos as respostas que buscamos e as retêm, avaros de seu descobrimento, rico descobrimento pelo qual pagaram o preço tão alto de suas vidas.

Como crianças no pique:

- Onde estou?

- Onde buscá-los?

No coração pacífico das preces, escondidos nos cárceres do irremediável, eternizados em sua última rendição?

Estão num campo de centeio, prisioneiros das vivências antigas, a espalhar as sementes gloriosas da ressurreição?

Ou nada mais são que corpos desfeitos, evidenciando a fragilidade da matéria?

Não, eles são eternos, e o que os eterniza é o espírito. Robustecem, com a infinita paciência de mestres, as nossas crenças e as nossas esperanças. Saem silenciosos e tristes de nosso caminho, sem adeuses, sem indagações, mas se enraízam mais profundamente em nossas convicções de eternidade, nas intenções mais puras de seu amor e de seu afeto.

O GERÂNIO

Brilha, como uma joia, o gerânio solitário, no vaso tosco. Parece que nada mais tem importância senão o seu florescimento. Os galhinhos verdes para abrigá-lo, e as tenras folhas. E a chuva e o ar, a terra inocentada de vermes e o breve minuto de existir. A flor é o símbolo. Gasto, sem intenção de inúteis renovações. A flor vem existindo sem perguntas, sem compromisso, na validade de ser bela.

Comercializadas ou não, ofertadas como primícias, deslizando em procissões eternas, em vidas e em mortes, em obséquios.

Pássaros sem movimento e sem voz, breves e minúsculos como poesias soltas no tempo. Eretas e sentimentais, buscando o alto, como os homens. Ao seu lado, uma borboleta balança-se. Quadro imaginário para o aprisionamento de uma pintura, à qual não faltará o cinza resoluto de um fundo neutro.

A borboleta centraliza um astro. Cintila, nas asas rubras, com um estremecimento.

Elas não sabem de seu destino. Acordaram de repente no tempo e voaram seus gestos sem perenidade, sem ressonâncias. A borboleta e a flor, ludibriadas de uma certeza, irmanadas na mesma sorte.

A borboleta viu a flor e arquitetou por um segundo o voo elétrico. Não pelo segredo do mel, nem a seduziu o fulgor da pincelada azul, elas não conduzem consequências na sua admiração fugaz.

A flor, agora, está esquecida e o inseto voa sem memórias, nas alegrias de outros jardins.

É tudo muito sutil, muito rápido, muito desnecessário.

A flor está plantada no seu vaso, estática e sem escolha.

O limite de seu mundo é pobre e ao seu redor a vida é apenas um rumor de asas ou de gotas que caem. Ou afagos de passageiros olhares.

Caem luzes de um céu impossível, os horizontes se limitam, as ilusões se evolvem. Assim o homem e a flor.

De mãos dadas, cumprem seu destino breve. Plantados num mesmo chão, incólumes do lodo que raízes trituram, encantados de seu minuto, ofuscados de seu brilho falso e passageiro...

MINHA FILHA

Quero-a aqui perto de mim, sentadinha como há muito, muito tempo. Vamos conversar. Você me conta um segredo tão magnífico e eterno: vou ter um filho!

Dentre todas as opções de sua vida, e a vida é toda tecida delas, esta é a mais importante: você decidiu chamar à vida uma criatura.

Mas vou mudar o tratamento para o plural, porque esta decisão foi dupla: vocês decidiram.

E vocês, daqui a pouco, vão conhecer o céu na terra, quando o seu filho chegar sadio e lindo, e o seu mundo se abrir como um sol para essa recepção divina.

Vocês vão penetrar um mundo novo - e que mundo! Tão precário e tão vigilante, que transmuda ao menor sorriso, espiro, ao resvalo de um piscar de olhos. Coisas rotineiras terão um valor enorme, acrescido de novas esperanças. A música de um choro lhes comandará o ritmo da vida e tudo o mais lhes parecerá pequeno e pobre, comparado à riqueza que terão, embevecidos, nos braços.

E aí começam as delícias e as torturas. Se o seu bem é tão imenso, ao menor sopro inimigo, vocês o defenderão com a própria vida. Então começarão a travar batalhas inglórias e hostis, mas, ao mesmo tempo, um aceno qualquer de mão, um sorriso, ou apenas a contemplação da criatura dormindo, os levará a um enlevo mais doce que o maná celeste.

Mas eu não posso tecer considerações sombrias neste momento, pois, aos que esperam um filho, as paisagens devem ser róseas como as auroras recém-inauguradas todas as manhãs.

Vamos tecer um grande hino de alegria, vamos dar em volta as nossas mãos para sonhar, sonharmos juntos e destemidos, o júbilo da espera.

Como será ele? E eis que, apenas despertado para uma próxima vinda, já começa a viver no nosso pensamento e no nosso íntimo.

Teremos inúmeros afazeres para preparar essa chegada, as ternas roupas que o agasalharão, tudo o que ele vai precisar, o que no fundo é tão pouco. O essencial é esse amor imenso que está aureolando o seu anúncio, e tudo o mais lhe será dado por acréscimo.

Enquanto você o acalenta no seu seio, onde ele dorme sossegado e silencioso, penso nos traços deslumbrados que seus olhos desenham no espaço, iluminados e aquecidos no coração que, de agora em diante, estará sempre em prece, em êxtase, em expectativa. Tudo são hipóteses, ainda. Será louro ou moreno? Com quem se parecerá? Será menino ou menina?

Em longas conversas solitárias, você o entreterá consigo, você o vai formando de seu sangue e de seu sonho, no alicerce seguro do amor e do cuidado.

Vocês já repararam como a vida já mudou? Era antes - e agora é um depois imperceptível. Mas tudo gira em torno de uma esperança, de um germinar. Agora vocês vão começar a entender tanta coisa, esses cuidados exigentes, esses abruptos temores, essa alucinada ternura que se concentra no ser que despertamos para a vida.

Vocês entenderão todas as lágrimas que parecem aos outros caprichosas, mas que jorram num incontável desalinho sob o mínimo carinho ou ao mínimo desafeto.

Enquanto vocês escolhem nomes, padrinhos, calculam datas e vivem a ternura desse momento privilegiado, já um novo elo os estreita mais, faz vocês experimentarem uma plenitude

e uma felicidade auspiciosas, partícipes do gesto eterno da criação.

E nós, com vocês, revivemos estes momentos de amor, atentos a essa grande ventura, desejando que seu filho, nosso neto, lhes possa trazer de volta toda a alegria que vocês nos deram.

PASSOS NA AREIA

De qualquer circunstância surge o enredo. Uma frase solta, um relance de vista, lembrança remota.

O artista é um homem sem paz, a solicitação o tritura, as ocorrências o sacodem. De olhos fechados, o mundo, que o sol desenha em cores, sob as pálpebras, é de riqueza e volúpia.

O artista se encolhe sob a barraca de praia e cochila. E procura o enredo para o romance em volta, nos gritos ou conversas soltas, no painel de luzes, o canto da vida que se evolui. As nuvens ensejam miragens e desenhavam tramas. Era preciso que o fio manso da imaginação se retesasse por um momento, para que houvesse paz.

Há sono. Há passos na areia.

Uma trilha de pés distintos se vai tecendo aos seus olhos. Um homem, uma mulher, uma criança. Ali está a família, os personagens.

Inicia-se a manhã. O menino solicita o passeio. A mulher se refugia nos serviços domésticos, a rotina a esmaga, e não cede aos rogos da criança. O homem, roído de ciúmes, descobre intencionais e cúpidos olhares praianos. Não quer ferir-se.

Mas a criança insiste, os pedidos das crianças são assim, insistentes, porque nunca são satisfeitos da primeira vez. Elas sabem que os argumentos vêm primeiro, diante dos rogos repetidos, mas sempre ganham as batalhas pela pertinácia. E acaba arrastando os pais para a areia.

A mulher relaxa os músculos tensos e esquece as panelas. Sorve a sua liberdade, este descanso passageiro como uma fuga. Exibe as pernas morenas com desenvoltura e perfuma-se de óleo, como para um ritual.

O homem finca a sua casa na areia com leve desespero, irrita-se ao ver exposto o corpo da companheira, o ciúme arde como ácido.

Faz contas mentais, equilibrando na mente o orçamento doméstico e as precoces rugas frontais não se descontraem no ócio.

Depois, acomodando-se ao lado da mulher com o mar lambendo-lhe os pés e o sol lhe acariciando a cabeça, não resiste mais aos amargos impulsos internos e se entrega, vencido, a um merecido repouso.

Devagarinho, abre o coração para a natureza tão bela e sorve com sofreguidão o seu minuto de paz.

O menino, na sua turbulência contida em apartamento, se precipita em saltos trêfegos pela praia, recebe o abraço do mar, com suas rendas de espuma, como um pequeno rei acariciado. Um pequeno monarca obedecido, naquela desordenada manhã.

Sol, me aqueça. Água, me banhe. Areia, me cubra. Mundo, me tome, me leve, me alegre.

Ensaia suas primeiras braçadas tímidas, fica todo banhado da tonta alegria que conquistou.

Depois, vão-se embora. Nos ares permanece o resto dos risos, das palavras repartidas, pedaços esgarçados da vida.

E os passos ficaram na areia.

O artista, sob sua coberta, procura, em sua afanosa diligência, o princípio daquela estória que em minutos se desenhou aos seus olhos. Virão outros, muitos passos a lhe desembocar na sensibilidade. E ele se emaranha na trilha que por um momento descobriu.

Aquele homem é um pobre sonhador, o seu mister é árido e exigente. Precisa ter um sentido especial para captar,

nas mais simples ocorrências, a trama de seus enredos dissecados.

Nas casas, no alinhamento impreciso dos apartamentos, no mundo, milhões de vidas, com seus problemas, seus dramas, alguns muito banais, outros terríveis, tantos comoventes...

E o homem recolhe a sua casa como quem desiste. A sua própria pegada na areia pode ser o enredo de um drama...

O PAI

O filho doutor veio para desenterrar o pai. Munido das autorizações necessárias, de muita coragem e na companhia de alguns outros parentes, foi cumprir a dura missão. Cinco anos haviam passado e era preciso reuni-lo à mãe, ansiosa, supunham, pela companhia, eles que em vida andavam tão juntos e amorosos.

E eis que ele voltou mais velho da caminhada, marcado, revivendo de novo todos aqueles momentos de amargura que a morte traz consigo. Não poderia jamais esquecer o que vira: os pedaços do pai, as roupas, ainda intactas, os cabelos, os objetos da morte e sobretudo as mãos!

A gente reverencia o pai a vida toda. Acostuma-se à segurança que provém daquela mão, que distribui alegrias e bênçãos. Aquela é uma parte valorosa do corpo, início de uma estrutura sólida e amada. Aquela homem que aprendemos a admirar e amar desde os primórdios de nossa consciência, cuja sensibilidade e delicadeza foram constantes em nossa vivência do dia a dia, cujo caráter, inteligência e honestidade sempre brilharam como um facho diante de nosso olhar. Esse é o meu pai, o nosso pai, e o pai de nosso amigo, a quem também a proximidade de nossas moradias e a convivência de quarenta anos puderam assegurar emoções e sentimentos sinceramente partilhados.

Eis o que representam para nós essas mãos queridas, nítidas, mãos que a gente assiste envelhecer no trabalho, na luta, no afago. A gente fixa o seu desenho e as suas linhas no coração, resguardados como um tesouro, um laço muito terno entre a vida que foi dele e a vida que dele nos veio.

Há uma poltrona na nossa saudade, aquela onde repousava o corpo cansado da faina cotidiana. E aquela mão surge segurando um livro, quase sempre um livro.

Vemos, entre inquietos presságios, os primeiros tremores daquela mão forte, mão de proteger e de cuidar. O róseo das unhas nos contando de uma certeza tão mentirosa, a da perenidade.

A mão no ar, mão tão imensa, tão eterna, tão nossa!

E aquela mão um dia para. Os nossos beijos na madrugada a encontram fria, que saudade de seu calor ameno, de sua maciez gostosa, da ternura que nos dispensava.

E a esse filho foi negado o tênue consolo, o de imaginá-la ainda assim, navegando na bússola de nosso íntimo, em rumos da reminiscência.

Nós sempre a teremos, em suas bênçãos eternas, concebendo-a na sua força impoluta. Não ele, que a foi buscar descarnada e rota, restos que guardará acabrunhado nos desolados momentos de lembrar.

Andamos muito atônitos pela vida, enchendo-a de tarefas, de compromissos, de desejos, de pequenas e inúteis escapadas. Nós precisamos esquecer esses momentos exigentes, momentos que nos envelhecem repentinamente, precisamos plantar ilusões pelo caminho para oferecê-las aos olhares turvos e tontos. É preciso toda a nossa força e coragem para abusar de um sorriso que não tem razão de ser, mas que é imprescindível.

Não somos avestruzes, sabemos, com o mísero pescoço enfiado na areia, ignorando auroras de sangue, mas precisamos nos refugiar na fantasia para marchar na parada da vida, ao compasso coletivo, incólumes de suas armadilhas, esquecidos de cruzes agressivas e certas.

Precisamos acreditar que, algum dia, uma resoluta voz cantará em nossa garganta, uma voz menina, ressuscitada, aquele estribilho maravilhoso e lindo:

- Bênção, papai!

ARANHA TECENDO A SUA TEIA

Manipulo o dicionário para uma dúvida qualquer. Esse livro grosso, em minhas mãos, me transmite segurança e desalento. Ele não tem sido somente o conselheiro silencioso e pronto. Ele me assusta, muitas vezes, com seu mundo vasto ao qual não tenho acesso. Depois, sensatamente, me ocorre que o meu pobre punhadinho de vocabulário tem sido suficiente para me libertar do coração certas emoções que o ferem.

De certa forma, mesmo escassas, as palavras modificaram o meu prosaico reinado doméstico. São fugas ou são fraudes, não sei, sinceramente; se eu ao menos tivesse certeza de que cheguei ao coração do outro, para um simples alento...

Somos como bonecos de corda. Vamos realizando as coisas com os impulsos das manivelas, sem pensar muito em porquês e em justificativas. Somos todos presas das suposições e das comunicações.

Assim, limitando-me ao meu restrito vocabulário e sem muitas perguntas, vou desempenhando este novo papel. Não são palavras novas de que preciso, são palavras certas. Não apenas na correção gráfica, mas nas interpretações exatas e com mensagens positivas.

Peso o que já espalhei e que tem me trazido as mais inesperadas ressonâncias.

O dom da poesia retine no ar, paira acima das coisas corriqueiras. Vamos andando, com manchas de sol no caminho, ou estrelas caindo em noites silenciosas. Somos pequeninas aranhas tecendo as suas teias. Tão frágeis, tão desprotegidas. A interminável tarefa nos consome, nos dá uma

ilusão de eficiência, de durabilidade. E ambas são tão efêmeras...

A maturidade é o tempo de desfrutar e de pesar o caminho percorrido e, na humilde experiência que acumulamos, julgamos repousar a resposta às nossas inquietas lamúrias.

Vamos engrossando fileiras. Trazemos lindas crianças pelas mãos e o nosso desvelo nos entenece. A nossa meta é guiá-las, colocar-lhes tapetes para os passos inseguros. E vamos jogando fora verdades que nos queimam, de cada vez nos tornamos mais cegos e mentirosos.

Ah, se eu pudesse jogar fora daquele livro todas as tristezas e escolher as palavras coloridas, como seria gratificante.

Desenhar um mundo só de beleza, de bondade, de felicidade. Um mundo como Deus sonhou, sem pecados e sem discórdias, de paz e de tranquilidade.

Mas estou como numa corda bamba, tentando limpar a vida das suas tortuosas veredas. Vou ao banco da memória para buscar o que a alegria nele depositou e venho de mãos tão vazias.

O mundo é esse, o irmão não vendo a trave no seu olho e enxergando a poeira que obscurece o olho do próximo. Estão aí essas lições de dois mil anos desafiando os homens que não atinam para a sua validade, estão desatentos e acomodados.

Sempre assesto a minha bateria sobre este tema, o do sofrimento que o materno coração quer poupar aos entes amados. Venho e volto e estou sempre emaranhada nessa confusa teia. Não sou exagerada, sou mãe. Isto é a minha glória. Não sei se bem dei conta desta tarefa, só sei que me consumiu.

Vou ser de novo uma pessoa que escreve sem almejar justificativas, aspirar do ar a sua poesia ambulante, abandonar este lirismo apreensivo, primário, inútil.

A menor frase de um menino, eu me derretia. Mas tem coisa mais linda do que o que as crianças dizem?

As teias ostentam a sua fragilidade, nada mais restando que as pequenas e obscurecidas palavrinhas, aprisionadas na sensibilidade do coração ou no melancólico desenho destas teias desordenadas.

O QUE ME TROUXE VILLAÇA

O sino tagarela logo de manhã. Estou num sono bom, que o som interrompe e a máquina ligada do pensamento começa a funcionar. Fico pensando nas manhãs de inverno em que ele, infatigavelmente, me tangia para a missa das seis e meia.

Como doía aquele frio na pele, mas a alma, impávida, o enfrentava com alegria.

E tudo isso me veio de roldão porque acabei de ler dois livros de Antônio Carlos Villaça, e rememorei o tempo de ontem, da Ação Católica, dos movimentos litúrgicos, de uma nova iniciação cristã, mais lúcida e mais consciente, que nos envolveu.

Líamos os grandes convertidos, Maritain e Raissa, Peguy, etc.

E nos empolgávamos com aquele cristianismo novo, fresco, aprendíamos de novo um catecismo concreto e sólido, descobríamos a liturgia, nos seus ritos tradicionais e tão desconhecidos; familiarizávamo-nos com uma igreja comunitária e límpida, quase com um sabor de descobrimento.

Cristo é sempre novo, e nos trouxe uma boa-nova. Mas a luz que o aureola é que diversifica o ângulo com que o contemplamos.

Sempre nos dessedentamos em suas lições, mas nem sempre estamos tão atentos a elas. As sementes que floriam em nós nem sempre se libertam do joio dos comodismos, dos egoísmos.

Villaça, com seus livros, nos restaurou esse clima na alma, ele que anda, como um peregrino, em busca de uma luz inalcançável nesta vida, de um caminho que se esconde e se bifurca, no espantoso limiar de sua procura.

Andou pelo mundo todo, ao encalço de mosteiros, homens, com quem julgava estar a luminosa verdade que buscava, e como que à procura de si mesmo. É um homem inquieto, com fé ao mesmo tempo profunda e vacilante. Tem radiosos momentos de paz e torturados de dúvidas. Descortina o céu e o inferno, não se detém no refúgio da humana inconsequência, sempre querendo sugar, até o âmago, os insondáveis propósitos das contradições.

Ele nos transmite essa ânsia de infinito que transcende nossos limites humanos.

Encarcera dentro de si uma esperança luminosa, que lhe extravasa pelas palavras febris - das quais ele próprio não se beneficia; antes, com elas se tortura.

É um homem estranho que traça o seu paralelo, duas linhas, uma de fé e outra de literatura, e se equilibra no meio delas, às vezes com uma lucidez que entusiasma, noutras numa depressão que contamina.

E entre os seus paradoxos, uma pureza transparente que ele, talvez por sua pueril necessidade de autoagressão, procura conspurcar com palavras obscenas, que permanecem deslocadas dentro do texto iluminado.

Somos a certeza de alguma coisa que transcende nosso próprio raciocínio. E andamos por veredas de esperanças ou desesperos, com a mísera inquietação da validade desses passos.

Villaça devolveu-me, na lembrança, o fantasma da busca que permanece na emboscada dos sentidos, para tornar mais intensa a luz, quando ela vier, definitiva. Ao lado da alegria da palavra burilada, resta-nos dela uma comunicabilidade tão terna, como se fosse uma mão estendida apontando um caminho. Caminho que, no claro-escuro do espírito, ele ousa

afirmar que desconhece, mas que é um atestado emocionante de afirmação.

FEIXE DE OSSOS

A velhinha é um feixe de ossos. Toda a carne de seu corpo o tempo já consumiu. E, nas costas, esse longo tempo também bordou um calombo, como símbolo de seu peso.

O rosto é pergaminho que, nas linhas profundas, desfia a sua própria estória.

Os olhos vêm perdendo o brilho, vestem-se dessa cor opaca que só a idade consegue pintar - têm estranhos e repentinos reflexos de vivacidade, quando o coração acorda. A voz é cansada, mas deixa entrever a lucidez do pensamento e a limpidez da alma.

Conta-nos que veio da Bahia, muito pequena ainda. Um tio, meio aventureiro, veio na frente, gostou do lugar, depois mandou buscar o resto da família. Aqui era um lugar de muita fartura, de muita chuva, coisas escassas por lá.

Esse tio chegou a ser fazendeiro - a vida dá muitas voltas - e essa prosperidade passageira serviu apenas para ser resguardada na lembrança.

Ei-la, ao fim, velha e só, num casebre de dois cômodos, escuros e frios, socorrida pela caridade alheia. Beirando os noventa anos, resistindo, não se sabe como, aos maus-tratos, doenças, a toda a judiação sem sentido que os muitos anos de vida vão generosamente fornecendo aos velhos desamparados. Estou vivendo ainda, diz ela, monologando, nem sei mesmo para quê, embora Deus seja servido.

Dorme sem companhia - apenas alguns animais lhe tornam a vida menos solidária. Dois cães e bichinhos noturnos que a mordem pela noite adentro, incomodando-a mais que o colchão duro.

Pelas paredes, enegrecidas de fumaça, algumas folhinhas antigas, onde faces juvenis riem impropriamente,

sem atentar para o ambiente. Entre as trempes da cozinha, pedaços de jornais antigos com apagadas feições, não sabemos por que ali colocadas.

Ontem decidimos fazer-lhe uma visita para uma faxina. Arranjamos colchão e cobertas novas, panela, alimentos. Ela nos havia dito dos tais bichinhos e achamos que um pouco de detergente haveria de resolver o problema.

Eram nove horas, ela se levantava e, sempre sorrindo, nos recebe como visitas bem-vindas.

Somos cinco enxeridas, que vão remexer os trastes, com a melhor das intenções, mas com a íntima e importuna certeza de que os velhos não gostam de ser devassados. Mas ela nos aceita, assim como tanto coisa ruim e inevitável que vem aceitando.

Senta-se numa cadeira, fiscalizando, pede ainda desculpas pelo nosso trabalho e se sente muito envergonhada de estar tudo assim “tão no desarranjo” ...

- É a idade, a senhora não pode fazer serviço pesado.

- Trabalhei enquanto pude, moí meus ossos no serviço.

Agora, quieta, só espero que Deus se lembre de mim, que parece que Ele me esqueceu...

Tem um olhar de desânimo - parece que esse olhar mede toda a vida longa e sofrida, ou talvez ela se canse do diálogo; é mais fácil entreter-se calada, como sempre vem fazendo. Há muito perdeu o costume do convívio, a voz se arrasta difícil, ou deve ser mesmo a idade emperrando as molas.

Mas a gente tem que prosseguir, é preciso distraí-la:

- A senhora teve filhos?

- Com a graça de Deus eles não vieram, senão era mais sofrimento - disse Ele me reservou.

Depois da casinha mais ou menos ajeitada, saímos para o dia bonito lá de fora. Os pássaros cantavam num bambual - fizeram um luminoso acompanhamento para a cantiga que a velhinha decidiu cantar.

Nada tendo a nos oferecer, contou uma modinha dos velhos tempos, afinadinha, com a voz quase se apagando por vezes; deu-nos o que podia: um resto de alegria.

E viemos para casa com as pedras de uma tarefa nos pesando nas mãos, porque sabemos que cada ato de servir, por mais que se ponha nele o coração, fere mais que o desamparo de necessitar.

Mas uma certeza nos adverte, para nosso sossego, que, apesar das nossas omissões, uma velhinha tão desprovida, posta em nosso caminho, quanto nos aquinhoa nos seus exemplos!

Outro dia, nós todas recebemos dela, como um recado, um verde chuchu de presente.

Não foi ideia minha essa visita. Foi de uma companheira muito mais compreensiva e generosa que eu. Talvez que ao meu comodismo ela tenha sido um desafio, aceito por descuido. Mas permitiu-nos Deus dela participar para que, na simplicidade e na finalidade dessa tarefa, sobressaísse a grandeza de sua sabedoria, revelando-nos de modo compassivo, seus desígnios incompreendidos.

E para que penetrássemos, no jogo natural das contradições, os seus mistérios mais insondáveis, para descortinar a luz que brilha escondida no mais humilde recanto, reflexo da luz duradoura de uma eternidade almejada.

A relevância da alma, cuja importância resvala com sublimidade pela efêmera carcaça de um corpo gasto.

E o lúcido mistério entrevisto dessa alma desabrochando em vida, pela fé e pelo amor, para essa luz, vincado da certeza imperiosa de imortalidade.

Um tosco casebre e uma vida que se apaga resplandecendo, para que as mãos ocupadas com o sabão e a vassoura descobrissem que o maior doador é aquele que doa esperança.

SOMBRAS NO CHÃO

Sorrateiro, o comodismo vai tomando conta de mim. Hoje é porque tenho muito o que fazer, visitas, compras, tão miúdas coisas, que é maçante enumerar.

Depois, a inspiração não vem assim de repente. Necessito uma concentração e um galo canta e me dispersa. O grão de comunicação, pequenino, não germinou.

As estradas da vida vão-se bifurcando como leques e, atônita, procurando um caminho, me perco, atraso o passo. Olho o sol que cega, atendo um companheiro, faço flores de papel.

Meço o caminho percorrido e estou desanimada.

A aurora é uma promessa que antecipa a manhã, penso em novas conquistas, penso nas carências que testemunho, me debruço sobre mim mesma - tão vazia, tão desnecessária. Amanhã, talvez.

As nuvens desenham sombras no chão e me absorvo por um momento em decifrá-las. Talvez tragam alguma mensagem. Ou essa lonjura as absolve de quaisquer compromissos. Sei que há um jorro ininterrupto, é apanhar uma canequinha e ir buscar, como as crianças fazem nas fontes.

É preciso paciência.

Fico quieta, deixando que a fonte escorra. Vem vindo tudo, crianças, jovens, velhos, muita saudade matizada de esperança, um desenho difícil de decifrar. Quase desisto - uma morna preguiça se vem instalando, toma-me o braço, me subjugua. Mas é preciso lutar, vamos um pouco. Vem gente com crônicas escritas à minha procura, uns querem remédios, outros recados minúsculos, menininhos que apenas dizem quero não e dizem tanto.

Certa vez eu me desfiz de culpas dizendo de uma isenção de responsabilidade. Parece que não sou eu, dizia, que escrevo, as palavras me vão sendo sopradas. Mentira. Tenho que dar contas de tudo, estas artimanhas não colam, a essência é a minha culpa, obnubilada pelos incautos devaneios, conspurcada pelos desatinos. Mea culpa. Quem mandou? Palavras são armadilhas, andei pensando outro dia. E como poderão ser capturadas, distorcidas, desamadas!

A minha canequinha se enche. Parece que é fácil abastecer-se, assim tão desalinhadamente. A mão se molha e um arrepio me assusta.

Não compreendo nada, a vida, que insensato nome! O que é viver? É estar pensando, a água escorrendo, nem dormindo um sossego que acalma?

Compromissos ou não, festas ou não, lágrimas ou sorrisos, momentos. Tudo passa. A fonte escorre em labaredas. Às vezes é mel, nos olhos das crianças. Nos olhos dos velhos a luz se finda, apagada antes do reflexo derradeiro.

Relíquias do tempo vão ficando nas distâncias.

O dom da vida me foi dado um dia e eu, sem aquilatar o seu peso, tanto o multipliquei. Vamos aumentando o nosso exército, Autômatos, não insensatos, instinto presidindo os atos.

É uma aventura que se inicia sem o preconceito dos atestados de nascimento - nada têm a ver com a criação. Deuses por um minuto, nos ofuscamos desse momento.

Foi assim antes de nós e será sempre assim - somos instrumentos de um relâmpago.

Ainda não é o momento de parar. Não tememos, temos corda, para prosseguir, as gotas escorrem, a água transborda. Os diamantes faíscam ao sol, luzem na palma da mão. De repente explodem revolvidas em seu esconderijo, devassadas

de seu segredo. Todavia, há um pretexto de prece nesse arrulho. Uma constatação humilde e resignada.

Cada qual protesta ou glorifica a seu modo. O mudo com gestos. Os felizes aceitam o seu quinhão, os tolos reagem.

É preciso semear com paciência, o resto é tarefa da natureza.

Hoje, basta.

DIA DE FOLGA

É o seu dia de folga. Trabalha, no fogão, a semana toda, sem descanso. Vive em colóquios com panelas, suas confidentes e amigas, escolhendo pratos para os apetites alheios.

Uma vez por semana, deixando a rotina, escolhe o seu programa. Que fazer? Há tantas opções naquela cidade grande, boas e gostosas, e outras um pouco incômodas. Por exemplo, de vez em quando, precisava ir ver a avó no asilo. Era opressivo ver o desfile daqueles velhos esqueléticos, mostrando, já em vida, seus esqueletos frágeis. Mas o pior de tudo era a mentira que sempre tinha que dizer:

- Domingo que vem eu volto.

A avó fazia que acreditava - domingo era tão distante, o tempo já não tinha coerência.

Ir ver o mar? Sim, era um dos melhores programas. Contemplar aquele rumor surdo, rugindo como quem reza em voz alta?

Pisar a areia macia, receber a espuma, como uma carícia, nas pernas morenas e fazer de conta que era uma deusa do mar, que ouvia a sua voz perigosa e que ia se entregar ao seu fascínio?

Ou subiria mesmo a favela, a trôpega casinha de onde saíra, e onde o irmão ficara com suas crianças choronas e famintas, o olhar ávido nas guloseimas que lhes levava? E ouvir o refrão lamuriento da cunhada, desfiando as suas necessidades?

Não, hoje ela queria um programa diferente, especial. Estava fantasiosa e leve - era como se voltasse ao tempo do faz de conta, quando, sonhadora, se refugiava num canto e se tornava de novo uma gata borralheira de subúrbio.

Teria um namorado - sairiam por aí de mãos dadas, em doce enlevo, ternos, abraçadinhos. Conversariam baixinho e ela lhe contaria doces segredos, e ele prestaria muita atenção, como se ela lhe contasse as histórias mais divertidas.

Ou iria ver as vitrinas enfeitadas e os olhares cobiçosos dos que passavam, vestindo-se dos vestidos apresentados, namorando os enfeites e os apetrechos todos de enfeitar - um laço com que se prende tão facilmente as mulheres.

Apanhar uma flor displicente, num jardim qualquer, despetalá-la como um símbolo em oferta à esplêndida manhã.

Ter um acompanhante, talvez um cãozinho dócil, desses que atendem ao primeiro chamado e gentilmente aceitam com olhos agradecidos o afago singelo, mais intenção que gesto?

Boba, talvez se acomodasse num simples banco de praça e se esquecesse de tudo, absorta num voo de gaivota ou nas andanças das nuvens até que a noite viesse?

Entrar numa igreja silenciosa e desafiar o tempo junto do terço que lhe marulhava no fundo da bolsa?

Como tinha o que escolher – pensava – até parecia a patroa indecisa diante de seu guarda-roupa repleto, escolhendo o que vestir.

Tomou o elevador, rindo-se intimamente da ousadia da comparação, alvoroçada com seu feriado.

Desceu com ela uma mulher vestida pobremente que, vendo-a assim, com um ar beatífico de quem está em paz com a vida, perguntou:

- A senhora trabalha aqui?

- Sim, trabalho no 802.

-Eu lavo roupa para o 406. Hoje vim arranjar um dinheiro adiantado porque as crianças estão doentes, e eu não tenho nada em casa. Não encontrei a madame.

Muito mais tarde ela voltou para o quarto mansamente, a bolsa vazia e uma alegria no peito.

Na favela, quatro crianças pintalgadas de sarampo disputavam entre si os presentes que a moça dera...

CASAMENTO À ITALIANA

Não parece até o título de um filme? Parece, mas não é, apenas um casamento de verdade mesmo, acontecido e realizado, como deve constar, de um livro especial, em Cortina d'Ampezzo, no dia 15 de maio de 1972.

Mais dados não tenho para fornecer, pois apesar de belo, de tão entusiasmante, nem sequer sabemos os nomes dos noivos. Mesmo sem convites, sem protocolos, dele fomos assistentes compenetrados.

Finalmente abria-se-nos a porta da Itália, a fabulosa Cortina, lugar que não há no mundo mais belo. Em chegando ao hotel, vimos logo que ali havia movimento extraordinário. Ali se realizava o almoço do dito casamento.

A famosa, a barulhenta alegria italiana, naquele salão. A noiva e o noivo posando para a posterioridade, com a parentela e os convidados ao redor. Batiam palmas, davam palpites, gritavam ruidosamente.

Era um casamento de camponeses. Via-se pelo vermelho dos rostos, pela roupa endomingada, pelo jeito tímido da noiva, num traje todo especial. Havia ternos guardados em fundo de malas, ainda com seus vincos recentes. Rapazinhos com ternos pequenos, braços que se alongavam sobrando pelas mangas. Mocinhas e senhoras com trajes típicos, saias franzidas, blusas com rendas e aqueles arranjos artísticos na cabeça.

Cores vivas, eram animados cartões postais que se distribuíam à nossa retina.

Cantavam, brindavam, brincavam com os noivos que se encabulavam, mostravam-se todos possuídos de uma terna e pura alegria e, inocentes, aproveitavam como ninguém o dia belo, o almoço lauto, a festa familiar.

As máquinas começaram a funcionar de nosso lado, o que forneceu por um momento a sua espontaneidade. Por quem nos tomam? – Que sucede?

A moça que nos acompanhava pediu aos fotógrafos mais discrição, eles não gostariam de ser tomados como “raridades”.

Ninguém queria subir ao quarto. Depois da viagem de cinco horas, nada de cansaço - aquela festa nos atraía. Era tudo tão belo, um filme italiano ao vivo, sem diretor ou cenário próprio, o cinemascópio de cores tão reais, os protagonistas tão perfeitos em seus papéis! Entrava no coração a cena bela, belíssima.

Os camponeses, de mãos calorosas, os plantadores de uvas que permitiram aquele vinho róseo que lhes coloria as faces! Os plantadores de trigo que propiciavam aquele pão tão branco e fofo que estava à mesa. Palmas para eles, uma salva de palmas bem calorosa à sua coragem e seu valor!

Nas veias, esse sangue bom que os anima, que os alegra nesse momento e que nos emprestaram para, misturado ao nosso, dar aquela cor especial à nossa terra. Ali estava o emigrante. Talvez daquelas famílias que ali se congregavam na festa houvesse gente no Brasil, braço trabalhando a nossa terra, coração amando a nossa pátria.

Assim, não podíamos olhá-los como a estranhos, sem enternecimento - a mesa nos sugerindo a partilha eterna do pão e vinho, na velha Itália, aqueles louros trigais que víamos a perder de vista e as videiras que subiam e desciam morros e colinas. Tudo era um grande livro da natureza aberto à nossa frente, um hino do homem ao trabalho e a Deus.

Ali, sem convite, participamos não apenas de uma cerimônia simples, mas de alguma coisa que transcende os atos comuns, no simbolismo das aparências. Era uma aliança

nova, um vago e aliciante cerimonial de comunicação - o nosso testemunho agradecido à beleza daquela cidade, à tenacidade daquele homem, a quem aprendemos a admirar na bondade de um parente por afinidade.

Compreendemos, diante da mesa que se estendia para os convidados, a extensão dos afetos, às vezes tão grandes para os nossos corações tão pequenos. Aquele casamento era como um símbolo – a primeira cena na Itália. Não foi a última ceia um símbolo do amor? Era a nossa festa fraternal de países, nos discretos copos tilintando, nos talheres brilhando, nos risos róseos das faces, no brilho tímido dos olhos dos noivos, no rubro copo do vinho partilhado.

Salute!

NÓS TEMOS UMA MONTANHA

Que título mais pretensioso, me dirão. E eu vou sorrir encabulada, porque não estou mentindo, nem estou sonhando. Mas não pensem também em bizzarria, pois o cronista mora nas suas emoções, não em posses.

Nasceu um pé de milho no jardim. Souberam? Foi mestre Braga quem nos contou. Na minha montanha podem nascer muitos pés de milho, flores ou mato. Ninguém se importa, porque lá há muito lugar.

Subo a montanha e estou em casa, e é muito reconfortante. Ela não é muito grande, nem é majestosa ou imponente, como se pensa de uma montanha. A bem da verdade, ela não é toda nossa, mas como desfrutamos de seu topo, torna-se assim como que propriedade, muito mais lírica de que ambiciosa. E nem é mesmo uma montanha propriamente dita.

É um morro pequeno, plantado bem próximo à cidade, e a olha com muito amor e desvanecimento, pois a viu crescer, e como verão mais adiante, esta é uma montanha muito especial e muito sentimental.

A cidade fica tão bonita lá de cima, com montanhas verdadeiras ao seu redor e as casas brancas com as árvores gordas do quintal, dando sempre a impressão de fartura e paz. Pode-se ver a igreja, as ruas assentadas em comportado desenho e só não se veem os homens porque é um pouquinho longe e os homens estão sempre muito ocupados. Mas podemos vê-los em seus automóveis que se cruzam em reverentes cumprimentos e ficam parecendo carros de brinquedo, olhados assim à distância e, querendo usar-se um pouquinho de poesia, pode-se até ouvir as buzinas cantando.

A nossa montanha é povoada. Antes eram mil galinhas que piavam desde manhãzinha o seu contentamento e punham seus ovos com muita tranquilidade. Agora, delas, há vestígios, pois se mudaram para lugares mais apropriados - segundo me informaram.

Homens sobem e descem para a faina do cafezal.

Sabem os bebedores de café de quantos gestos humanos é feito o seu prazer?

Enxada aos ombros, eles cavam e plantam e adubam e capinam e colhem e secam - e outros torram e moem o café que lhes encanta o paladar. Nisto vai o ano todo, e no ano seguinte é a mesma coisa, e o trabalho só se modifica com a temperatura ou a geada ou a ferrugem. No mais, é aquela rotina.

O sol visita diariamente essa montanha e põe luz nas gotinhas que permanecem nas plantas, e faz de qualquer pocinha d'água uma festa. Eu acho até que o sol e essa montanha se namoram há muito tempo, pois mal ele põe o olho nela, já se engalana toda como moça formosa para o alvoreço do encontro. E nas cintilações desse afeto se iluminam todos os recantos.

Esta montanha, onde vivem algumas pessoas, podia estar num quadro, assim tão bonita e tão faceira, nas suas maneiras educadas e finas. Se eu fosse pintora, talvez a pusesse lá, onde ficaria muito bem. Tenho a impressão que os passarinhos se aninhariam em seu colo, de tão acostumados. Porque eles se sentem tão em casa, que nem se assustam quando se chega perto e até aceitariam um afago, se a gente se dispusesse.

Os cães são mansos. Lá não se consegue que fiquem bravos, pois o lugar é tão ameno que a docilidade chega assim como obrigação.

Os homens lá sorriem joviais e alegres, apesar do trabalho e da fadiga, pois o ar muito puro talvez lhes lave os pulmões e a cordialidade daquele chão lhes transmita certa afabilidade. E na sua naturalidade roceira, eles se identificam em simplicidade e paz.

Só o que não combina muito com essa montanha é o vento, sempre impiedoso e traiçoeiro. Talvez ela lhe seja um desafio, assim exposta à sua fúria. Mas, além de bonita, a nossa montanhazinha é valente, também não teme a geada, só a chuva forte a leva a fazer careta.

Prestando bem atenção a gente nota que ela gosta é mesmo da primavera, quando a chuva não a molesta muito e quando ela pode mostrar toda a faceirice de seus verdes.

No mais, ela é muito compreensiva e abriga vacas e cavalos com uma ternura de mãe. Dá-lhes de seus seios fartos, eles acham muita água e muito capim para engordar depressa.

E tudo o que se planta vem logo florescendo e frutificando.

Ela é também muito agradecida, pois nos dando tanta alegria, nunca nos cobra nada, fica toda terna com os cuidados que lhe dispensamos e se compraz em nosso amor.

Viu as crianças pequenas, galopando em seus cavaleiros, bebendo leite nos currais, tomando gemadas, apanhando laranjas, chupando jabuticabas, crescendo, partindo e chegando, com nova crianças pelas mãos - e parece que ela entende tudo isto, compartilha comigo destas tolas recordações que nos entulham o coração.

Ali está ela, montanhazinha de roça, verde e terna como um tapete macio, estendido aos nossos passos.

E por detrás dela, segurando-a e enfeitando-a como a um presente, está um homem, com o seu amor maior que uma montanha, uma montanha de verdade...

RETROSPECTO

O manancial onde se abastece o cronista é inesgotável. A vida o alimenta. Assim começava eu o meu primeiro livro. Andamos por aí arrombando portas que eu nem sabia e entramos num mundo novo. Dizem, muito enfaticamente, e mesmo insistem, que viajar é alargar os horizontes e então, concluem que o manancial deverá transbordar.

Não estou só. Entre mim e o leitor há uma rota de comunicação que é difícil precisar de que estrutura é construída. Alma? Sentimento? Interesse? Eu conto e ele escuta. Muitas vezes foge, pula palavras, acha-as vãs, mas apreende a mensagem que lhe quis transmitir.

Tenho algumas vezes a impressão de ouvir uma aprovação silenciosa. Noutras, um esmaecido piscar de olhos, incrédulo. Não me acredita, não se comove dos meus desabafos. Se lhe conto um episódio, do qual fui a protagonista, aprova-me ou não. Às vezes, o eco das aprovações me alcança e me estimula.

Andei trilhando caminhos diversos. Mas o manancial é muito restrito e curioso. Será que retive o essencial, ou o eixo da memória mais uma vez se quebrou?

Andamos em salões faustosos, em claustros, em jardins fabulosos, passos muito antigos nos precederam e nos guiaram.

Como é difícil recolher para semear! Não sei quais as sementes que vivificarão e o solo repentinamente se torna árido.

Da ressonância dessas sementes já filosofei antes. Disse-me um monge, na autoridade de seu maravilhoso mundo interior, que me foi dado um dom - e é preciso frutificá-lo.

Enredou-me com a terna parábola dos talentos, mas não sou tão tola assim para acreditar. Tomando a sério, é coisa de assustar num julgamento insólito. Pescar palavras para resguardá-las por um momento, estas palavras tão gastas de que disponho e estes pensamentos tão chãos, tantas vezes me parece tão inútil tarefa. Coisas se dizem e acontecem e se dissolvem na poeira destes dias breves. Os grãos de verdade se sobressaem, mas como é difícil encontrá-los, na bateia cotidiana... E a inutilidade do gesto vem como que paralisando decisões.

Havia antes uma luz que me iluminava, e ela está se apagando. Quem conhece nosso velho e sábio professor sabe porque falo assim. Havia, ainda, por detrás de mim, as sombras queridas dos pais, e essa ausência deles me entorpece e o espírito se acabrunha diante dessa dor que não cessa, embora serena e mansa.

Mas houve um dia uma flor. A longa margarida de branca haste. Ela para mim foi um símbolo. O bem-me-quer. Flor que foi desfolhada e aceita. As borboletas se multiplicaram, algumas em vãs esteiras, outras ainda voam por aí, para meu próprio espírito.

Uma delas, mais desenvolta, penetrou num mosteiro. Deu o seu recado e voltou com o estímulo que arrefecia.

Volto ao meu tanque exíguo. A vida está rodando com o mundo. As crianças cresceram, mas há sempre outras chegando e os passos não se perdem, deixam seu rastro na areia magra da lembrança.

O sol que nasce não é o mesmo que se põe à tarde, ele traz novas doçuras e novo calor. É matreiro como um caçador, usa de truques pictóricos, nos envolve e nos prepara.

Nem nós somos os mesmos ao nos recolhermos depois de mais um dia vivido. Como que uma imperceptível marca nos incorpora ao passado, nos sela com suspeitos selos repetidos.

As ocorrências e as palavras, os gestos e os pensamentos vão construindo em nós o seu caminho. E o exterior também não permanece imaculado, se contamina do tempo.

Bem sabemos o quanto nos muda...

CHEGADA A PORTUGAL

Desde muito, os portugueses vêm chegando ao Brasil e muitos brasileiros vão indo a Portugal. Desta corrente de emoções, dos que chegam e dos que partem, Deus poderia cingir, como um colar, os dois países, com uma luz transcendente.

Eu não desbravei nada, nem sou muito ligada a tradições, sou até meio avoadada e lírica sobre História. Apenas, muito confortavelmente sentadinha na poltrona do avião, às duas horas da tarde, divisei Portugal.

O impacto que senti dentro do peito me fez vir lágrimas aos olhos. Sei lá o que é que vai amarrando a gente, se a língua, os amigos portugueses, ou a tradição mesma. O fato é que a gente se sente acolhida como num regaço.

Parece que um abraço amplo nos envolve, longos braços do passado nos estreitam e aquele breve olhar sobranceiro que o jato nos propicia nos comove de repente, num jeito de assalto.

Sentimos que fomos roubados num preconceito que teima em subsistir de memórias inconfidentes.

Ora, que bobagem. Hoje estamos em 1972. O Brasil é um neto muito amado desse avozinho que se desmancha e vai crescendo ao nosso olhar. E aqui estamos, de armas e bagagens - armas que neste caso são “flashes” e máquinas fotográficas, e bagagens muito reduzidas pelas exigências da condução.

Não, não deveriam ser mais aventureiros os passos bandeirantes, ao pisarem o solo brasileiro, do que os passos leves e afoitos que temos agora, ao transpor, com alvoroço, os portões aduaneiros. Não era a minha primeira viagem, mas era, sim, um sonho se realizando. Todo mundo quer conhecer

Portugal, aquele canto de paz da Europa. Portugal se impõe com uma seriedade mística, um pedaço de terra preservado, privilegiado.

Estamos suspensos e felizes, cheios de admiração pelo desembaraço rápido de papéis, e respiramos o ar antigo e profundo, mesclado de tanto sonho e de tanta realidade.

Vemos jardins se oferecendo ao nosso olhar domingueiro – então, não devia ser mesmo domingo? – verdes costumeiros e prédios familiares, muitos tão exatos aos do Rio antigo, com seus alegres azulejos coloridos e suas sacadas de ferro trabalhado, onde invisíveis mocinhas se debruçam em seus pensamentos de amor.

Preciso, no carro, aprisionar a alma inquieta que, de tão leve, pode sair voando. Acomodo-a no assento ordenando-lhe que guarde seus deslumbramentos com discrição.

Vamos engolindo Lisboa, as duas, com apetites diferentes. Eu tenho sempre comigo uma melancolia para tingir as coisas, ao que a alma, sábia, se recusa. Nem quer lembrar as últimas despedidas, a distância, os que ficaram acenando um adeus que doeu.

Afinal, ela tem muita razão, e aderimos ao seu contentamento colegial. Aqui estamos, Lisboa, tão contentes de te ver, aqui estamos te desfrutando com amor.

Chegamos ao hotel, onde um porteiro tão gentil, em farda impecável, nos recebe com auspiciosos cumprimentos. Entramos em lojas, vemos bordados maravilhosos, objetos de prata tão encantadores, mas coisas de se ver sem ambição, pois temos dois meses pela frente para rodar a Europa, e as malas se devem encher muito devagar. Ah! As sopeiras de louça colorida, como bem assentariam na nossa sala de almoço, e aquele tapete bordado à mão, na minha casa... Mas tudo são pensamentos sem consequências, fazem parte do

roteiro sentimental do turista - pelo menos do que viaja de avião...

Mas podemos, sim, satisfazer ao paladar. E que deliciosos bacalhaus nos são servidos. E lagostas, caldos verdes, camarões, e tanto azeite saboroso, e batatas que se desmancham na boca.

Tantos já disseram das belezas, das riquezas, da gostosura que é Lisboa; nada tenho a acrescentar. Apenas hoje eu estou aqui. E já não tenho aqueles passos leves com que a pisamos; apenas sobrevivem na memória estes momentos inesquecíveis, que tento aprisionar num lápis impossível, para esta pequena homenagem de lembrar.

HOJE EU POSSO TUDO

Hoje é sábado; segundo o costume, não é dia para começar nada, mas eu sinto que vou começar alguma coisa. Não sei, mas sinto um certo prurido de iniciativa, uma certa possibilidade, como uma força nova chegada repentinamente.

Talvez eu devesse começar um livro que vem sendo elaborado na imaginação, que vem sendo deixado de lado, talvez seu nascimento estivesse previsto para hoje. Como uma criança, que tem o seu tempo certo de gestação, as pessoas me dizendo: Quando? - e eu contemporizando. Elas não estão propriamente interessadas, mas são educadas e talvez pensem que essa pergunta me agrada, quando me suscita uma vaga inquietação.

A dona de casa tem o seu ofício, cuida de arrumações ou de almoços, cuida dos filhos e de sobremesas. As avós, mais descansadas e descompromissadas, dão uma mãozinha aos netos e fazem em moroso sossego os seus crochês.

E eu acabo não fazendo nem uma coisa nem outra, com essa mania que me deu tardiamente de acumular pensamentos registrados, que me entopem as gavetas e acabam me prendendo como um alçapão.

Ou talvez este dia não dê mesmo em nada - o que não faz muita diferença. Os dias vão passando e a gente resolve que qualquer deles serve para limpar das gavetas essas coisas que o coração manhoso foi ditando, essa miscelânea que, aos poucos, se cristaliza em palavras.

Como diria Cecília: “em que espelho ficou perdida a minha face?”...

E vou procurar, me encontro comigo num sorriso da neta, no aconchego da memória, no carinho de uma amiga, numa palavra do filho, numa carência ou num afeto.

Me encontro numas velhas carteiras do Colégio, em nuvens que andejavam preguiçosas num longo céu de verão, no uniforme despretensioso do Grupo, em cantos de passarinho que acordavam sonos de antigamente. E, enquanto isto, me recomponho na idade e vou restituindo dentro de mim a imagem que a fantasia e a imobilidade me fizeram perder. Me encontro ajuizadamente na música dos copos e talheres sendo lavados na cozinha ou na voz da cantora que diz, muito sabiamente: “eu estava longe e não saí daqui...”

Posso trazer imagens europeias para a minha folha, prendê-las nas fotografias das reminiscências, restituí-las na emoção.

Hoje eu posso tudo. Conheço, ah, esse ardil da imaginação, e preciso aproveitá-lo. É como se eu fosse voar de avião, apertasse o cinto de segurança e fechasse os olhos para subir.

Estamos chegando em Veneza. Depois de nos encantarmos com as alegrias da Praça de São Marcos e o cumprimento daqueles pombos comportados, inventados pelos estratagemas turísticos, entramos numa gôndola onde um cantor e um acordeom vibram os seus acordes mais especiais, diante de um céu que escurece. É lindo o barco, a música, a ponte sob a qual deslizamos, a dolência que aos poucos nos invade, e de repente tudo se perde de novo - estou sentada aqui num banco duro em frente ao branco exigente da página, solta, sem cinto nem emoção, solta como tantas palavras gastas no coração.

No contraste entre este céu claro e aquele que vislumbrei há pouco, nada mais que o minuto e a mágica do pensamento.

Há pingentes de cristal balançando-se docemente num castiçal à minha frente, na escrivaninha onde estou. Diríamos

com certeza que é branco. Mas nele vejo luzes azuis e vermelhas, roxas e alaranjadas. Não há mistério nenhum, apenas artimanhas da luz, que, brincando, faz o seu jogo. Dentro de mim há também dessas orgias, enxergo cores excessivas dissecando enigmas. Faço da alegria uma flor e da tristeza um copo que me dessedenta; o espinho já não fere. Lúcida e tranquila, debruço-me sobre a vida e brinco com o que há de mais sério. Mas isso, em dias como hoje, em que posso tudo.

Em muitos espelhos se escondem minhas muitas faces e muitas promessas também; e, se eu tiver bastante paciência, poderei encontrar várias surpresas.

Hoje o ar que eu respiro parece o mesmo, mas está rejuvenescido. Qualquer coisa neste alinhavado de palavras me vestiu uma roupagem nova; estou pronta para começar, para começar qualquer coisa, com a expectativa incauta de uma neófitas...

SAPATINHOS DE LÃ

Mesmo isenta de compromissos, executo sapatinhos de lã. Gosto de dançar o balé das duas agulhas, e os vou tecendo para bebês desconhecidos, nesses momentos de folgar o cérebro - nem leituras, muito menos escrevinhações.

O verso flui sem emoção. É preciso contar os pontos e o desenho se refaz na precisão dos contornos ingênuos. Entremeiam-se malhas de lã e de pensamentos, numa trilha descompromissada.

A forma é a consequência prevista, a finalidade é o agasalho. De repente, surge nas mãos um pezinho, logo depois vem o outro, e os dois esperam, calados, o momento de servir. Não projeto a elaboração desta peça para um pezinho esculpido em amor - será um pé sem reconhecimento. É uma tarefa inespecífica e que me desobriga de certos desvanecimentos. É desnecessário o sonho e as implicações do enternecimento.

Se me isento de emoção, já facilito a confecção. Não sou tão exigente – envergonhada, confesso o meu egoísmo. Não é que me recuse a amar e um pezinho conhecido sempre representa um compromisso de amor. O preceito é decisivo, não posso fugir dele. Mas, com um pezinho anônimo, me isento também de responsabilidades.

Há muitas crianças no meu mundo - tantas que já cresceram, mas permanecem ainda pequenas, nas fantasias maternas.

Hoje, num Dispensário, enfrento sorrisos difíceis de crianças subnutridas, doentes - crianças que tão cedo desenharam em si próprias as linhas inconfundíveis das carências e das rejeições.

Vejo pezinhos no chão, tão frágeis ainda, e sei que o caminho é áspero e exigente. E recolho a mão inibida que ensaia uma carícia, antes que o espinho fira.

Enfrento uma fila de fome, de desespero, ajudando a aquinhoar precariamente sacolas eternamente vazias. Defronto olhos de misericórdia, implorativos - são velhos e crianças numa estrada que por um momento, em situações diversas, pisamos juntos.

Ouçõs apelos que sobem dos corações cansados - é um vozeiro incômodo, são raízes que se soltam procurando onde firmar-se para o consolo da compreensão.

E é preciso resistir a tudo. Resistir e simular paz, porque a corrente aumenta a cada dia. Um pão impossível está cada vez mais escasso. É preciso fazer tudo isso como se fosse rotina - é assim mesmo. Sempre haverá pobres convosco, foi-nos dito há tanto tempo.

Dizem que nosso país está em franco desenvolvimento. Tudo vai bem, o céu azul, as árvores se rejuvenescem e frutificam nas estações certas, o chão é dadivoso - o que se planta dá, há trabalho para todo mundo.

Os jornais dizem de números reconciliadores que atestam absolutas taxas de crescimento, de melhorias.

E os homens vão construindo suas ilusões à custa dessas notícias alvissareiras. E querem edificar seus sólidos atestados de progresso com a mesma ingênua isenção de amor com que executo os pequenos sapatinhos de lã, fingindo para mim mesma que não me comovem, porque desconheço a quem irão servir.

Mas, de repente, uma súbita culpa nos invade, porque precisamos sofrer com eles suas faltas e decepções. Não podemos sair assim tão facilmente dessas vidas que se entrelaçam às nossas.

O pequenino agasalho ou a luta inglória não justificam a insensibilidade de não partilhar.

É preciso compreender, é preciso dar a mão!

SATÉLITE

Olho o satélite brilhando, falsa estrela dependurada no céu. Vi-o em Casablanca, numa noite inesquecível, quando passeávamos sob aquele céu estranho, meu marido e eu, um pouco divinizados de contemplações, um pouco temerosos das saudades.

E eu aqui estou hoje, na minha rua de sempre, intacta e silenciosa. Passa um outro casal, de mãos dadas, associo-me àquele momento distante, quando também de mãos dadas, descobríamos novos mundos. Esses passos jovens refazem passos de muito tempo. Só que agora as estrelas estão apagadas, testemunhas de mundos ignorados.

Perdi minha rota, estou confusa e atordoada, e meu coração se contrai de um espanto novo. Esta rua não existe, andou desaparecida na aurora. Mas reacendeu, trouxe novas luzes repentinas. Debruço-me no seu perfil de sempre, sem pretensões, sem indagações. Rua de casas simples, sem estilo, de portas e janelas abertas ao léu.

Rua de risos de crianças que existiram, que cantaram às brancas luas seus versos vestidos de ouro.

Rua que mandaríamos ladrilhar de pedras raras se elas a perpetuassem nas mocidades que se diluem inexoravelmente.

Ontem, hoje, amanhã. Que palavras tão misteriosas nas ruas do nosso desamparo. Que somos hoje? A nossa maturidade nos exige seriedade, mas nossa objetividade é apenas passageira. Perguntamos e ninguém responde. Todos estão entretidos de suas próprias indagações.

Cada um dispõe de seu tempo como pode. E entra no turbilhão das raízes querendo firmar-se, projetar-se para um além intemporal.

Uma estrela falsa nos manda o seu brilho. E enfeita o nosso céu com uma grandeza mentirosa. As palavras que nos escapam são áridas, estão ressentidas de significações. E as estrelas se igualam na luminosidade, ainda não têm sentido.

E os namorados passeiam seus destinos com mãos entrelaçadas.

Qual a seta que se cravou em mim? A estrela, a mão, a saudade?

Andamos por mundos distantes e as paisagens se acumularam nos olhos. Algumas se confundem, estão superpostas na memória. Outras se salientam, com riscos mais profundos.

Naquelas casas, estruturadas com a mesma argila, corre a mesma vida que por aqui, nesta rua simples. Há calor e frio, fome e desejos. Casas brancas ou douradas, casebres ou palácios, em todas elas as precárias subserviências, nos seus primários limites.

As lareiras do mundo estão acesas para aquecer frios torturados. As luzes dos céus se acendem para ternuras adivinhadas.

E só o amor engrandece e purifica todos os recantos. Supera limitações e intensifica as cores.

Os namorados passeiam seu amor e suas ilusões sob os mesmos céus com satélites ou estrelas iluminadas.

Que lhes importa o brilho de outras luas?

O brilho que buscam está dentro do olhar companheiro e essa luz lhes basta. O calor daquela mão é o único que necessitam.

Deixá-los no redemoinho das palavras sempre repetidas e sempre renovadas, no milagre das individualidades.

O amor intumesce a estrela e a torna submissa. Basta levantar a mão e colher o astro. E depositá-lo como uma joia no coração amado.

NUM DOMINGO COMO OS OUTROS

Domingo da paz. Como sempre, começo-o na missa. As palavras rotineiras de saudação me empurram até meu lugar. Como que essa igreja, essas imagens, esse espírito que paira indeciso em seu revestimento e se incorpora ao meu fazem-me louvar a Deus num silêncio tranquilo. Talvez a gente reencontre um pouco da pureza da infância numa igreja que nos assiste desde esse tempo. Não é propriamente o mesmo prédio, mas é como se fosse, pois está no mesmo lugar do antigo.

Como que nos despimos de certas futilidades à porta. Sacudimos a poeira lá fora. Aqui estamos, Deus, sem artifícios. Com nossas preocupações talvez excessivas para o que consideras essencial, “tudo lhes será dado por acréscimo...”

Sentada, tenho nas mãos o folheto que me levará à liturgia da palavra, integrando-me ao corpo de toda uma igreja universal, irmanada pelas mesmas palavras, pelo mesmo ritual. Aqui estamos em expectativas. As frases ricocheteiam sempre novas, sempre oportunas. De cada vez temos que ajustar passos, conseguir uma uniformidade que nos permita caminhar.

O altar é o símbolo da refeição substancial de teu corpo. A mesa posta a que compareço. Ele me vem moldando, esse corpo, recebido das mais diversas maneiras. Com piedade, às vezes, com indiferença, talvez outras. Perturbada por ocorrências lá de fora, acho-me sem o devido recolhimento. E um ato, que deveria ser sempre sublimado pelo sobrenatural que o caracteriza, se perde às vezes entre as pedras da rotina.

Eram doze os donos da tua palavra, que a receberam como herança. Essa herança que transmites ainda, no milagre das mensagens sempre repetidas e quase nunca aprendidas.

Como deves achar graça nos pedidos que te fazemos!

Crianças pedem às vezes a lua para brincar. Alguns pais, integrando-se em sua inocência, prometem. Outros materializam a lua numa bola de plástico e a criança se alegra.

Mas aqui, mesmo diante de pedidos absurdos, nos despojamos, pois em tua plenitude, aceitas o pedido e a sua satisfação não como exigências, mas como contingências...

A quem iremos? A sabedoria que nos transmites é a de aceitar. É nisso que insistes com renovada paciência a cada lição. Para isso nos revestiste com um corpo mortal que se recheia de sonhos intangíveis.

E nos acenas com promessas de ressurreição. É por isto que aqui estamos a cada domingo, nunca a mesma presença, nem a mesma pessoa, nem sequer com as mesmas disposições. Nem sempre temos a alma bem varrida. Não, o pó da inconsequência se vai acumulando, pelo cansaço de ser.

Às vezes nem mesmo nos comoves. Teu sacrifício nos parece tão remoto! Somos como borboletas, tontas, que nos achegamos à flor, no automatismo dos gestos e logo saímos, sacudindo as asas na alegria da manhã.

A luz nos envolve, recebida do sol da tua realidade, nos cega. O instinto de sobrevivência se frustra diante de tuas exigências. Somos seres abstratos, na iminência de uma transformação. Por isso procuramos tornar mais distante o que nos espera, numa tranquilidade falsa e feliz.

A familiaridade do templo, das celebrações, dos conselhos, nos distancia dessa realidade. Somos donos daquele instante. E ele nos ofusca. Como estamos sempre tão longe da humildade de Jó, se despojando de tudo sem reservas e sem temores.

A igreja chega até a nos parecer alegre, na aparência jovial de suas pinturas, no voo rápido de uma andorinha. O

homem se apoia nessa inconsequência para sorrir, se dilata no esquecimento.

Seria tão fácil chegar e dizer, Deus estou aqui, se é aqui que me queres, sem subterfúgios, sem véus. Mas complicamos as coisas e fazemos de tantos supérfluos uma dourada ilusão de permanência. Estou aqui sentada, com pensamentos confusos, e tua presença me envolve e sinto teu olhar me compreendendo. Não vou dizer que pareço, sou uma criança tonta como a borboleta, mas estou bem!

PIQUE DE BISPO

Quando ergo o lápis e não sei bem o que escrever, não é que a inspiração esteja falhando, porque o pensamento é uma maquininha ininterrupta, não para, e posso registrar tudo mais ou menos livremente, como um navio que sai sem rumo, só para aproveitar o mar, e às vezes consegue até apanhar mais peixe.

Certa manhã sentei-me para escrever e comecei falando de um sonho um tanto absurdo que andei tendo, onde me vi aos pedaços e me custou uma estranha reposição; de repente entrou um velho na página, cujos olhos mansos e tristes me haviam apanhado na véspera.

A bem dizer, eu nem pensava nele como personagem de uma crônica, apesar de que andou pelo meu coração, com suas carências à mostra. Ele tomou conta da página e virou assunto principal.

Assim é que eu prefiro. De repente — já disse uma vez — alcanço uma balança da infância numa antiga cadeira de balanço. Pode ser na casa de meu avô, onde havia, algumas vezes, a pomposa hospedagem de um bispo, e a gente brincava de pique com ele. Os adultos se envergonhavam da nossa desenvoltura, mas a gente nem ligava às advertências e gritava: “Pode, bispo!”. Eles o chamavam de Eminência, e ele sorria satisfeito, arregaçava as saias e corria atrás da gente. Ah, lembro-me tão bem: com a batina cor de cinza e o cinto escarlata, ele também virava criança e ficava um pouco feliz naquele pique esquisito.

Lembrando esse bispo, estou num jantar, noiva, e há um padre, mocinho, recém-chegado à cidade, que não queria fazer nosso casamento porque viria muita gente — meu pai era

o prefeito —, e ele me dizia, tentando me convencer, com uma frase que encerrava estranho paradoxo: — Por favor, case com o bispo; ele é tão amigo de vocês...

Como eu não concordasse, ele, por sua própria conta, convidou um primo nosso para officiar o casamento — e ele veio e nos casou tão bem casados, que o casamento foi mesmo para durar e ser feliz. E que bênçãos tão poderosas nos vieram de suas mãos, que tivemos filhos formidáveis e dias tão perfeitos! Ele precisava dar a receita dessas bênçãos, mas não sei por onde ela anda — e, com certeza, não devia haver nada diferente: essa felicidade já estava preparada para nós, e não foi preciso brincar de pique e procurar a felicidade escondida.

Agora eu vejo, em frente ao muro, um gato preto que num pulo me arrepia a superstição, e um vago temor vem de muito longe, esqueço que já cresci, que isso de gato preto já era, e que as crianças hoje nem sabem destas tolices que as empregadas de antigamente nos ensinavam.

Esse gato, ora, é da vizinha e ele tem que andar é por aqui mesmo, que importa a cor que tenha?

Esqueço-o num minuto e olho o céu de maio sem nenhuma nuvem, trazendo esse frio matreiro que nos judia todo ano. E penso que maio era tão lindo, com as crianças pequenas, as meninas corando Nossa Senhora — meus lindos anjinhos... Tudo isso está tão longe; parece que elas brincam juntas, num espaço intemporal: a menina do pique olhando as coroações, ao lado do bispo cinzento, Nossa Senhora benevolente, no seu olhar azul, olhando e compreendendo, vendo toda essa saudade que me vai tomando, essa ternura esparramada na manhã. Tudo isso é um pretexto para sonhar um pouco, para alcançar, por um momento, o passado distante.

E chega mamãe por perto. Com jeito, ela arruma as asas angelicais, às vezes sorri para mim e me vê menina - de onde ela está tudo é possível - ou ela vem preparar quitutes para o bispo. Eram receitas novas, banquetes, ou apenas para dulcificar a nossa saudade.

Ontem, hoje, tudo passa depressa e deixa apenas o rastro no coração. E remexemos a sucata, essa massa de ferro retorcido que nos enche o peito e descobrimos o pique do bispo, um episódio que dormia no tempo, tão ingênuo e infantil, ressurgindo para meu espanto e enleio.

FILHOS

Se nos fosse dado imaginar um filho, fabricá-lo na imaginação, nunca teríamos fantasia para todos os detalhes de que eles se compõem, e para a diversidade de aspectos e de caracteres que os distinguem.

Não sabemos criar. Quando muito, conseguiríamos, no físico, umas caricaturas de nós mesmos; de nossos atributos copiaríamos outros olhos e outras mentes — e as nossas criaturas não seriam nunca essas surpresas felizes que nos enriquecem a vida, porque feitas absolutamente sem nossa interferência pessoal.

Achamos que moldamos personalidades - que ilusão! Cada qual a realiza a seu modo, e de forma tão diversa, que ficamos pensando se, em alguma particularidade, participamos.

Os genes não nos isentam de colaboração, além da essencial de gerar. Mas parece que só até aí vai nossa participação. Depois, são só ligeiras semelhanças - e o impacto das descobertas nos surpreende sempre.

A criança se desenvolve no seu mundo, que agora já pode ser uma caixa plastificada e imunizada, mas a personalidade, o jeito de sorrir, de gostar, de protestar e de agir lhe são próprios, na mesma gama de intensidade que os outros elementos de seu organismo.

Existe a alma dentro de cada um. Alma criada no momento da concepção, segundo os teólogos, quando só existe ainda a primeira célula, expectante e linda. Esta se desdobrará, fecundada, nessa maravilha que é um ser humano, com todos os seus fenômenos.

Às vezes, comigo mesma, fico pensando nos filhos, na personalidade diversa e precisa de cada um, no seu modo de ser. Não nos descobrimos nas vidas às quais demos vida. Como disse Gibran, nós somos o arco, eles as flechas.

Cada um é um ser único, formado de ajustes de ocorrências, de sentimentos, de desejos, de atitudes, qualidades e defeitos.

Cada um tem sua riqueza transubstanciada dessa vida em comum, de uma fonte que jorra ininterruptamente, sem sabermos como provê-la. Talvez só o amor possa explicar esse mistério, cada qual extraindo o que dela necessita ou aprouve.

Cada um simboliza o amor, sendo a realização do amor, e o complemento individualizado de uma dicotomia específica.

Cada um tem seu obscuro laboratório de transformações, de onde retira e onde fabrica suas singularidades. A força vital do ser independe da proteção de quem o criou; em pouco tempo, é um ser autônomo, que se firma nas próprias pernas e manipula a própria essência.

Eu hoje estou meio formal, analítica, escrevendo sobre os filhos e, convenhamos, um pouco aérea. Tem dias que estou assim, fantasiosa. E vamos arrastando o lápis. Gostaria de ser um farol, mas não sou nem simples lâmpada.

Se eu fosse pintar a débil chama de uma lâmpada, sei como o faria: teria que usar tons de amarelo e ir diluindo a luz até a uma distância razoável. Mas escrevendo não sei como imitar luminosidade.

E bem que eu gostaria. Sei que essa luz vem de Deus, do íntimo, luz difusa como a fé que me faz acreditar no que afirmo. Não sei como vibra a luz; sinto-a.

Quando eu era pequena, ensinaram-me ditado musical. E comecei a testar o som dos ruídos. Um apito de trem quase

sempre era em dó maior. Havia um, que passava de manhãzinha, e que apitava tristemente em ré menor.

Agora, desejaria, numa operação subjetiva, apreender o tom do que estou sentindo, assim sensibilizada pelo que andei pensando: o desenho dos filhos no espírito. Mas não consigo; há um vazio no silêncio, e não aprendi a decifrar enigmas.

Um relógio bate ao longe, crianças protestam, como sempre, ouço vozes dispersas na distância, tudo isso me distrai, perco a essência do que meditava.

Talvez eu esteja me tornando aborrecida. Devo contar casos concretos para prender a atenção de um leitor anônimo, casos como daquela moça que veio pedir ajuda para o vestido de casamento, dizendo que precisava casar. E neste verbo, punha uma gama de intenções tão perigosas, que era o mesmo que contar a sua entrega, sem dizer mais nada. Cada um acende como pode a sua lâmpada.

MOÇA INDO EMBORA

Saia da minha vida. Vá embora de vez. Cansei-me dos gestos repetidos de pedir. Carinhos devem brotar espontâneos, nunca implorados.

Chega de piedade. Onde estão os olhos pesados de sono, insinuando pressa, uma incompreensível pressa, e recados de desculpas, infantis e tolas? E eu cego, voluntariamente cego. Os presságios me povoando as noites, depois fugidios repasses de esperança alevantando um ânimo cada vêz mais desalentado?

Tinha tanto medo de perdê-la!

Agora, não. É até um alívio poder abrir a janela do coração e adejar os cômodos febris de um fantasma. Fantasma tão abstrato e fecundo que me aprisionou, rindo do meu medo, durante todo esse tempo marcado.

Sinto-me em lucidez perigosa, mas necessária. Minhas noites serão só minhas, desperdiçadas conscientemente na companhia de um violão. O vidro do copo já fez ninho no côncavo da minha mão. Estou cansado e o meu último gesto, talvez o de minha redenção, foi tirar a venda que me vestia os olhos teimosos. Uma inútil cegueira que eu teimava em proteger.

Sim, eu não queria ver. O traço de seu lábio mascarado sempre por uma recusa. E eu não aceitava o brilho de seu falso olho de desdém. E a minha pertinácia parece que desejava mais ousadia em suas negativas.

Busquei todos os ardis. Inúteis.

Hoje você é uma moça indo embora da minha vida. E com você vão-se os trastes deste desespero acumulado nesta convivência um pouco cômica que me consumiu.

Fui sempre um homem de duas faces. Uma, a que os outros viam, esculpida nessa adoração estúpida, com minha bússola viciada, norteadada para a sua pessoa. Face eterna, petrificada, um rosto marcado pela nossa incoerência. Um boneco que você comandava, como um voluntarioso maestro, a seu bel-prazer. E eu, dançando a música que você queria. Hoje, sim, bato palmas de regozijo porque me libertei; allegro, staccato, dou cambalhotas, palhaço, artista único no circo de meu sofrimento acumulado.

Amanhã, o palco voltará ao silêncio, não haverá mais espetáculos, o pano descerá para o intervalo que não sei se será definitivo ou será breve.

Sei que estou vazio. Sentirei falta das lágrimas ocultas que me lavavam compassivas a face, e que eram amigas, porque propiciavam um resquício de paz.

Hoje, nem elas. Estou seco, árido; esta desesperança não ousa sequer o consolo do pranto. Uma esquisita e nova paz de inércia, de morte prematura.

Talvez tenha acabado com alguma coisa dentro de mim, consentindo na sua ida. Não protestei e estou tão tranquilo.

De uma tranquilidade feita mais de transigências, de importunas contingências.

Siga sem olhar para trás, sem o indeciso passo da compaixão.

Não pense que será manhã, de novo, para nós, e que os pássaros encherão com seu canto nossa aurora decepada. Não lembre minhas mãos súplices de sempre e o desencanto com que recebia as minhas oferendas mais pródigas.

Vá sem memória. Esfumaça na minha retina a sua lembrança porque entardece e porque recuso o consolo da luz. Qualquer adversidade se refugia na opacidade.

Também está escuro dentro de mim. Mas neste vazio e neste território despojado, o raciocínio se aclara; tantas coisas se elucidam e eu consigo decifrar os significados de seus silêncios, a verdade de suas evasivas.

Só que eu não compreendia que não era amor, e as fantasiava de meras atitudes esquivas, com outras desculpas.

Hoje, aceito a sua verdade, embora essa verdade me queime.

E respeito a integridade de seu último gesto, indo embora, e por ele lhe agradeço, ainda.

DOURADOS PRESENTES

Devo ter sido mesmo uma menina fantasiosa, com meus pedidos especiais, líricas ambições. Em nossa casa, sempre que vinham à baila os casos de infância, essas pequenas aventuras com as quais cada um vai formando o seu mundo particular e o acervo coletivo, lá vinha a lembrança:

- Papai eu quero um dedal de ouro.

- Vovô, eu quero um sapato de ouro.

E vieram, das fantásticas viagens que faziam ao Rio de Janeiro, as encomendas.

Ah, pequena Midas, com seus desejos estranhos! A verdade é que, com a simplicidade da meninice, eles compuseram o seu papel, pois, sendo apenas dourados, faíscam dentro de mim como joias de alto preço. Revejo meu avô, nas brumas da mocidade que esmaecia, abrindo com ternura a sua mala, e dela subtraindo, como um mágico, o sapatinho sonhado, que mandara fabricar por um sapateiro.

E a figura moça e encantada de meu pai, enfiando, no meu frágil dedo, o seu presente eterno, o dedalzinho dourado.

Muito os usei, muito bordei com aquele dedal, que dava um toque de magia àqueles afazeres obrigatórios das meninas de antigamente. E o sapato nunca ficou velho; tive-o sempre novo e miraculoso diante de mim.

São reminiscências corriqueiras, talvez, mas que hoje me levam a fazer comparações e a analisar o desejo em si, no tempo em que foi sonhado.

Eram desejos infantis, mais evoluídos em devaneios, saídos dos recessos de corações sonhadores, e não ambiciosos. Poderiam ter sido inspirados por fadas benfezijas, ou por estórias maravilhosas, de que o nosso cotidiano andava

repleto. Nós nos entretínhamos com aqueles livrinhos miraculosos, que esparramavam seu encanto lúdico pelo nosso dia tranquilo, pelo nosso espírito ávido.

E se não tínhamos televisões que nos prendessem às telas mágicas, eram os nossos serões familiares que nos proviam assim de uma certa e incipiente maturidade, para temperar.

Naquele convívio se acentuavam os contornos de união e afeto, elementos que desde sempre nos nortearam a vida. E ali, também, iam as tradições familiares se enriquecendo dessas pequenas ocorrências individuais, que dão um sabor todo especial às famílias, e fornecem às crianças uma irrequieta sabedoria para enfrentar a vida.

Assim, parece-me que não nos formávamos em ingenuidade ou credibilidade, como se poderia supor, com nossas meditativas estórias e nossas miríficas aventuras; mas aprendíamos a julgar, com discernimento, as nuances da fantasia, para amenizar a dose maciça de realidade que entrevíamos além.

Tínhamos tanto tempo para viver e para sonhar! O dia era longo e nele cabiam estudos, bordados, visitas, passeios, brinquedos e, principalmente, muita leitura.

E haveria algo mais radioso que cirandas noturnas à luz do luar?

Desenhos de marés, roupinhas de boneca feitas com primor, brinquedos muito modestos, e pedidos longamente sonhados:

- Quero um sapatinho de ouro!

Hoje os pedidos das crianças são teleguiados. Põem os anúncios na televisão e lá vem elas querendo as mesmas bonecas, com seus nomes já escolhidos, os mesmos jogos, e

até o paladar se torna coletivo, pois levam-nas a empanturrar-se das guloseimas apresentadas, com o benefício da cor.

E são um exército de autômatos, nas suas exatas perspectivas.

Onde a alegria de sonhar? De criar um determinado presente no fundo de um encantado sonho?

Dirão que divago, que não há diferença no deslumbrado modo de ser criança e de ambicionar presentes.

Pode ser, mas estou vendo. Tenho três gerações para comparar e sinto quanto é breve e passageira a alegria com que os netos recebem os seus pedidos.

Eles não aprenderam a curtir, apesar de ser este um verbo muito apropriado para a ocasião e inventado pela sua geração.

Um longo desejo, sonhado e curtido, como que composto com as rendas da imaginação, dá-lhe pertinácia, glória, valor, perenidade.

E o valor intrínseco de um objeto está na sua permanência no coração, onde as dádivas se eternizam.

É que nos dávamos com tanto ímpeto à nossa infância e adolescência, que não apenas a vivíamos, mas a desfrutávamos.

Não há muito o que lamentar, pois as crianças de hoje têm os seus privilégios, eu sei. Vezes sem conta ponho-me a pensar nas coisas tão difíceis para nós e que lhes caem às mãos tão facilmente. E é precisamente por essa falta de obstáculos que percebemos também certo vazio nos seus pequenos ou grandes pedidos.

Com a facilidade com que os obtém, vem o desencanto de sonhá-los; e, sem esse tempero, eles se tornam momentâneos e fugazes.

Diz Lúcio Cardoso em seu diário, num momento de feliz clarividência: “o problema é construir a vida como se fosse um sonho, não um sonho vivo, mas um que tivéssemos inventado. Um sonho que não fosse a visão de insensato, num completo desconhecimento das coisas, mas um milagre de harmonia, equilíbrio e compreensão.”

Eis que a nós parece muito sensata, em nossa filosofia empírica, essa afirmação, pois nossos elementos essenciais e telúricos a justificam, não como uma fuga, mas como uma sólida lição de sabedoria.

ROMA

Empoleiramo-nos no ônibus de dois andares e fomos sugando Roma como um fruto maduro e dourado. A tarde estava lavada e fresca, e era tão jovem como se tivesse nascido naquele dia. A primavera recendia nos galhos das árvores centenárias.

Muníramos de uma mocidade que já se despedia, mas que voltava, impetuosa e obediente, porque precisávamos dela. E dela desfrutávamos sem temperança, porque aquela era uma tarde muito especial.

Roma era há tanto tempo um sonho e engolíamos o nosso fruto saboroso sem sementes e sem espinhos.

Roma era tão passado e tão presente. Era como se a tivéssemos, num minuto encantado, entre nossas pequenas mãos garotas. E ela retesava, como corda de harpa, para caber naquele reduzido espaço. Também poderia caber no coração, e aprendíamos a amá-la, somados ao séquito de seus vassalos.

Roma eram fugazes momentos que se dissipariam em breve, e só o amor poderia reter o seu fascínio, para que durasse mais um pouco no elétrico coração.

Roma eram os césaes que conviviam, eram cristãos heroicos que retornavam, era aquela tradição que ofuscava. Nem tínhamos destino. Era uma festa, a nossa festa de olhar. Tudo tão belo, passageiro, toda ela tão dourada e fugaz.

Um frêmito nas mãos, um piscar de olhos mais demorado e o passe de mágica se diluiria. Aquela tarde não existia, assim pura, ataviada.

Sequer tínhamos pés. Eram asas. Asas trêmulas, como de pássaros febris, que, em vibrações, palpitavam medrosos, pequeninos.

Era preciso que vivêssemos. Fomos poupados para aquele enriquecimento. Sabíamos e agradecíamos. Não falávamos - as palavras não cabem em certos momentos. Palavras são para pedir, e que haveríamos de pedir mais?

Por que dizer – lindo – nosso coração sabia que íamos muito mais além... Os arcos desenhados nos fundos azuis do céu, as ruínas, as luzes que começavam, ao longe, a verde cúpula famosa: eram belezas que se arrojavam como ondas lambendo o tempo.

Roma era aquele silêncio grande e respeitoso, silêncio corroído por mil séculos de lutas, de sofrimentos, de vida.

As longas estátuas se mostrando às admirações recolhidas de espanto, as igrejas suntuando a terra, sublimando os céus, a arte quase tocável como flor ludíbria.

As vidas que se escreveram nas pedras, os gênios que ali perpetuaram as suas fatias de glória, de cansaço.

Roma, Roma, que se estendia nas cruzes e que abrigava no seu embalo os caminantes que vinham de longe, com os seus cansaços, com seus desesperos, com os seus temores.

Roma que se esquadrihava nas densas cores de repleto passado, pondo misericórdia e ternura em todas as feridas, como mãe pressurosa.

Roma das chaves do reino, das fontes que escorrem ontem e sempre, dentro dos estribilhos mais incrédulos e ousados.

Roma que se celebra no cálice do vinho rosado que vai à mesa, colorido como face feliz e preparado para o sacrifício do amor, que dali se espalha como leque para o mundo.

Roma que se dilui no tempo, nas esferas do arco-irisadas das lendas e das tradições.

Roma que nos subjugou, rútilos daquele relâmpago de suntuosa benquerença. Roma que resguardamos, no fundo do

coração, que sugou um grão de sua eterna beleza e de sua eterna lembrança.

OS TRÊS DESEJOS

Vieram, por uma disposição do acaso, três meninas me bater à porta.

Uma queria pão, outra, remédio, e a terceira, flores.

Saí para a fantasia, no afã de atendê-las como podia, pois seus desejos eram o retrato de um símbolo. Não se juntaram aqui propositadamente. Era uma brincadeira ou uma ironia do destino que as reunira, vindas cada uma de uma necessidade ou desejo, unidas pela carência.

A primeira, na qual o estômago falava mais alto que tudo, disse simplesmente a que vinha, sem rodeios. A fome é aflita e imperativa. A fome passa na frente de tudo, do raciocínio, comanda a palavra e o gesto. Ela é imediata e, sem preconceitos, faz calar as reflexões.

A fome se adiantou, na primazia exigente; quero pão!

O pão é o fim, o essencial. O pão é cego, imponderável, duro, mordaz. O breve minuto de saciar a fome e o trânsito momento da satisfação se impõem, sendo meta e desassossego.

Os olhos imploram, ainda mais que as palavras, insistem. Quero pão, e não somente esse pão passageiro e inútil. Quero um pão substancial e longo, que transponha os dias inseguros, amargos, quero um pão-eterno, imagem do afeto, do amor de tudo aquilo que sacia os desejos insatisfeitos.

Quero um pão miraculoso e terno, que brote do trigo ressurecto definitivamente, daquele grão apodrecido em trabalho, uma dádiva insuspeitada e silenciosa. Quero esse pão árduo que procuro em vão, batendo de porta em porta, de coração em coração.

Menina, não tenho desse pão. Por mais que compreenda esse desejo escrito em incógnita na sua precisão, que posso fazer, além deste mísero pedaço, pobre símbolo que lhe deposito nas mãozinhas encardidas?

- Senhor, dá-me dessa água...

E nós não temos o pão da vida, a água que dessedente todas as sedes.

A segunda trazia feridas. Mostrava-as sem pudor, alheia às repugnâncias visíveis. Feridas avermelhadas, manchando o corpinho.

Vinha solicitar uma pasta branca que as cicatrizasse com eficácia.

Nela pude vislumbrar outras, as ulcerações que a rude vida lhe vem propiciando. Feridas invisíveis, estas sim, de humilhações e de carências. Feridas que vêm conspurcando a alma a cada desamor, e cujas cicatrizes profundas o tempo jamais conseguirá apagar. Elas estão ali, desenhadas nos olhos mansos, nas mãos judiadas, nos ferimentos que as rejeições e as incompreensões aprofundam.

E tenho, para ela, mais uma negativa. Não tenho dessa pomada miraculosa que você precisa, eu teria que lhe dizer o mesmo se me pedisse a lua. Leve esta bisnaga inocente e lambuze suas feridas superficiais e sem importância, talvez que ela, em penetrando a sua carne machucada, consiga um breve lenitivo para os seus ferimentos maiores.

A terceira queria uma flor. Houve um tempo, disse Cecília, em que as meninas eram cândidas e levavam flores à professora.

Pois ei-la aqui, uma menina de antigamente, vinda na asa do tempo. Seus olhos também imploram, numa alegria serena, ela quer a beleza, ela quer a pureza, a tranquila glória da flor para ofertá-la à vida. Ela precisa da suave tessitura da

pétala para o seu pequeno sacrifício de amor, anseia pela inatingível uniformidade das corolas para a oferenda perfeita. Na sua precocidade inconsciente, resvala pela beleza, reconhecendo o dom supremo, na intenção singela de resguardá-lo.

Meu jardim está repleto. Não me custa ceder a flor solicitada, essa flor que enrubesce e fere, imperiosamente cercada de espinhos.

Mas a flor mística e rubra, como ela espera e deseja, também não a tenho. Também a procurei inconscientemente, a oferenda primorosa, com a qual agraciaria condignamente o amor.

Sinto-me vazia, meninas, pobre, carente como vocês, estou envergonhada pela omissão, perdão!

VINTE E CINCO ANOS

É o que eles comemoram. Entre comovidos abraços e furtivas comparações, celebram o seu vigésimo-quinto aniversário de formatura. Disse furtivas, porque bem se notava que, com curiosas olhadelas, examinavam como os anos tinham passado através de cada um deles.

Trazem nas mãos a alegria do reencontro, em febris movimentos. São novamente um bando de colegiais afoitos. E foi ontem mesmo que apanharam com incrédulo espanto o canudo almejado, pelo qual tanto lutaram; a arma que empunhariam pela vida.

Suas mãos não têm os calos das pelejas, mas trazem calejamentos mais duros nos olhos e nas almas, transparecidas das luminosas batalhas disputadas.

Manejaram o bisturi, o raio-X, manipularam sempre com a vida e com a morte, encetaram severas pelejas nesse jogo cruciante que os desafia, numa rotina a cada dia renovada. Cada rosto súplice é um desafio novo, e a doença é manhosa e os dribla com redobrada força. E eles se debatem entre esses ásperos revezes, quantas vezes sucumbindo diante de uma irreversível verdade.

Receberam, como primícias de esperanças, botões de vidas desabrochadas, naquele chorinho comovido com que se inicia. Confortaram com a presença revestida de uma dignidade simples as vidas que se foram perdendo. Salvaram tantos de seus pacientes com a perícia do diagnóstico certo. E quantas vezes se debruçaram atentos em almas machucadas, com suas palavras experientes e calmas.

Todo esse turbilhão surge agora entre borbotões de emoção.

E tudo isso transparece, vagamente: angústias, sucessos ou fracassos, toda essa teia de acontecimentos que vai deixando o sinal visível de sua passagem nos ombros fortes.

Podemos vislumbrar a ternura que os toma agora, nos abraços apertados, tendo entre si tão longo espaço de tempo.

Vinte e cinco anos! Podemos captar um pouco da emoção com que contam coisas, peripécias, aventuras profissionais ou não, nas vozes um tanto trêmulas com que relembram.

Intercalados, entre os assuntos sempre primordiais da profissão, vêm retalhos de viagens, passeios, negócios, afazeres.

Alguns levam os filhos e os mostram com eufórico orgulho, e estes repartem com os pais esse misto de encantamento extraído da data jubilar. É como se o presente, o passado e o futuro se juntassem, envolvendo-os num só elo.

Há muitas carecas, depois de vinte e cinco anos. Mas muitas cabeleiras resistem impávidas à passagem do vento destruidor.

Também a protuberância estomacal, como diriam eles pomposamente, desfigurou alguns, que exibem seu adorno como uma contingência a mais, que muitos fantasiam de prosperidade; triste consolo.

Outros conseguiram duelar-se com os atributos dos anos e, fora uma ruguinha nos olhos e alguns outros riscos impertinentes, assemelham-se bastante aos jovens de 1940, naquele imponente retrato de formatura.

Vi-os de outro ângulo, do que vinha de dentro para fora, e que sempre me pareceu o mais importante, diante das pessoas. Procurei penetrar mais a fundo a alma de cada um, através de fendas muito superficiais, pois estes homens estão acostumados a dissimular, a profissão os obriga a não se

entregar inteiramente às emoções. Eles não são frios, como muitos ousam pensar, mas precisam revestir-se de uma coragem específica, como que uma couraça protetora, para resistirem aos espetáculos mais trágicos da vida, que é a sua faina diária.

Pude ver, quando recebiam a medalha comemorativa dessa data, das mãos de um colega graduado, um grisalho catedrático. Procuram disfarçar, num vozerio travesso, com palmas barulhentas, a emoção do nome chamado em voz alta, como se voltassem no tempo para aquele dia, naquele mesmo salão, onde outras palmas e outras flores, os pais e as namoradas, noivas e amigos os olhavam enternecidamente, testemunhas de uma vitória, a mistura entre o doce e o amargo de um final e de um princípio. Pude flagrantear olhares esquecidos da vida que prosseguira, como se aquele enternecido minuto houvesse voltado, assim milagrosamente ressuscitado.

A melancolia de vinte e cinco anos decorridos não entristece, antes, naquele riso incauto que se instala nas faces, é um atestado de trabalho e de energia que por elas resvala.

Andam pela Faculdade, relembando passos de antigamente. As pedras gastas, como que guardam com ternura a marca dos pés que se afastaram, mas que de algum modo ali permaneceram.

Aqui, se lembram? E vem uma estória entremeada de risos frouxos, foi há tanto tempo, mas ei-la revivida e fresca.

Ali, se lembram? E rememoram pequenos fatos cuja importância lhes cresce nos corações aprisionados para aquilo mesmo, essa ternura e essa expansão lhes fazem um bem enorme, lhes trazem de novo os jovens que adormeciam dentro deles, nas suas distantes mocidades. É preciso ter oportunidade de reencontrar-se, no mesmo palco onde outrora

ensaiaram estes passos que dançam na corda bamba da vida, estes gestos que salvam e que consolam, estas palavras de brincar que andavam guardadas no coração, sem tempo ou ocasião de serem pronunciadas.

Tudo é um pretexto válido para usufruir de uma ilusão, sem o peso da responsabilidade de ser sempre sério.

No bar, tomam refrigerantes rápidos, que nem de leve conseguiram apagar o braseiro que lhes queima o peito.

Ontem, ontem mesmo, pisaram estas lajes serenas, rejuvenescidas a cada ano da esperança e da turbulência dos que chegam...

Agora eles já combinam novos encontros. Mas, quem sabe? Entrarão logo em seguida no burburinho da vida exigente: as responsabilidades os engolem e trituram a cada dia, e o dia de amanhã — ah, como eles o sabem — é povoado de incógnitas e de compromissos.

Por isso, eles desfrutam tão docemente desse dia de saudade e de triunfo, como se o tempo, magnânimo, os houvesse devolvido repentinamente, vindos diretamente daquele límpido dia do passado, há vinte e cinco anos...